

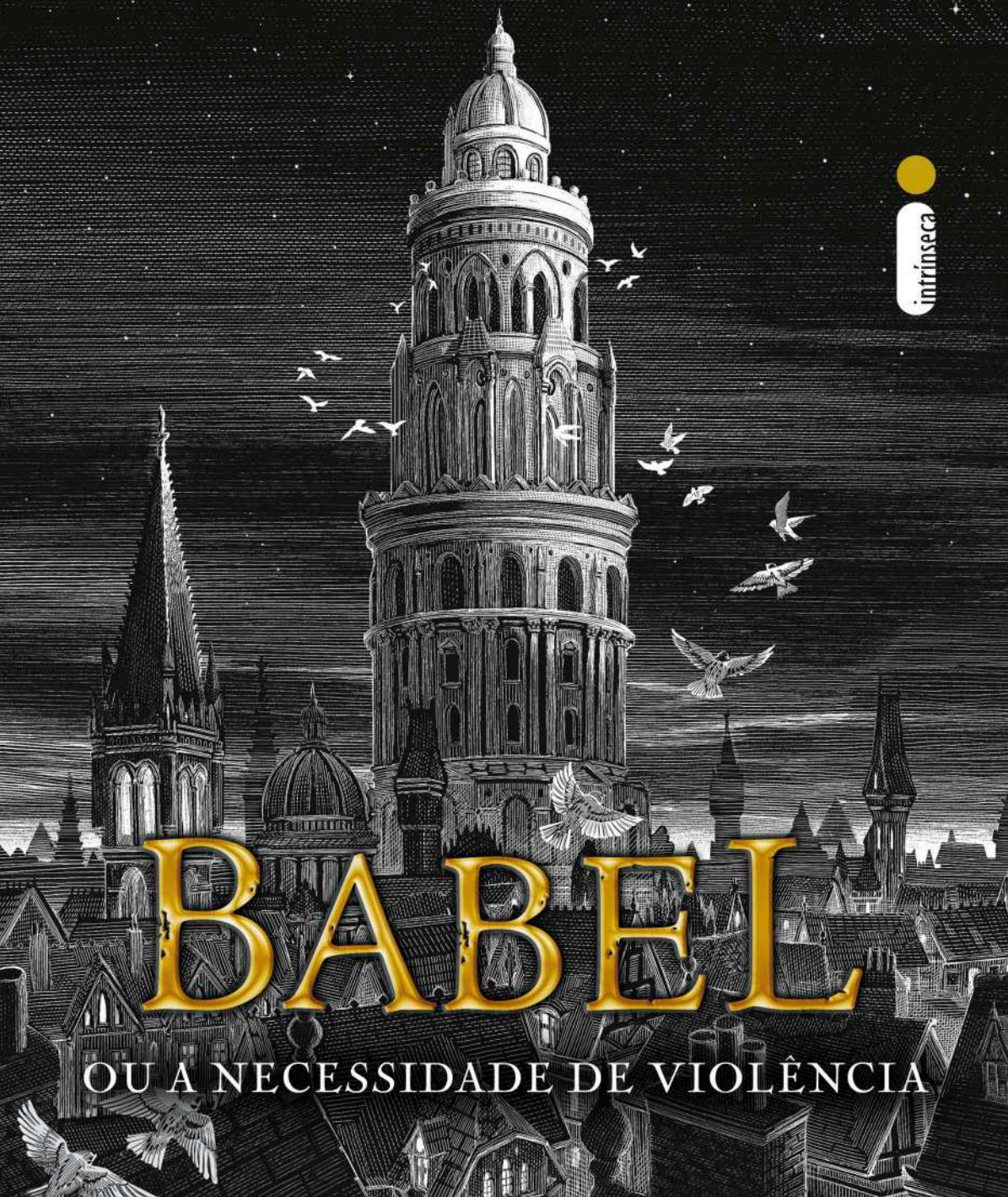
VENCEDORA DOS PRÊMIOS NEBULA E LOCUS

R. F. KUANG

intrínseca

BABEL

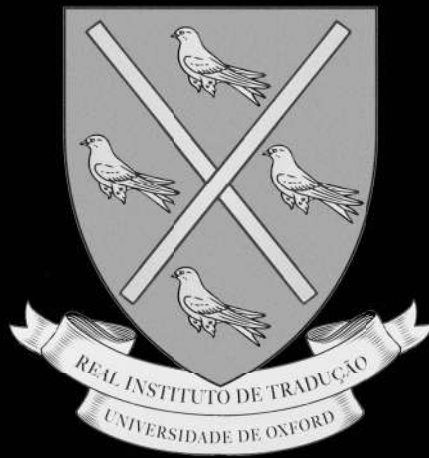
OU A NECESSIDADE DE VIOLÊNCIA



# BABEL

OU A NECESSIDADE DE VIOLÊNCIA

*Uma história arcana da revolução  
dos tradutores de Oxford*



R.F. KUANG

Tradução de Marina Vargas



Copyright do texto © 2022 by Rebecca Kuang  
Copyright dos mapas de Oxford e de Babel © 2022 by Nicolette Caven

TÍTULO ORIGINAL

Babel: Or the Necessity of Violence: An Arcane History of the Oxford Translators' Revolution

PREPARAÇÃO

Carlos César da Silva

REVISÃO

Juliana Souza  
Pedro Faria

LEITURA SENSÍVEL

Yonghui Qio

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE MIOLO (BRASÃO)

© 2022 by HarperCollinsPublishers

ARTE DE CAPA

© Nicolas Delort

DESIGN DE CAPA

Richard L. Aquan

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

ADAPTAÇÃO DOS MAPAS E DO BRASÃO

Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K96b

Kuang, R. F. (Rebecca F.), 1996-

Babel ou a necessidade de violência : uma história arcana da revolução dos tradutores de Oxford / R. F. Kuang ; tradução Marina Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024. 592 p. ; 23 cm.

Tradução de: Babel : or the necessity of violence : an arcane history of the oxford translators' revolution

ISBN 978-85-510-0899-7

1. Ficção chinesa. I. Vargas, Marina. II. Título.

23-87246

CDD: 895.13

CDU: 82-3(510)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

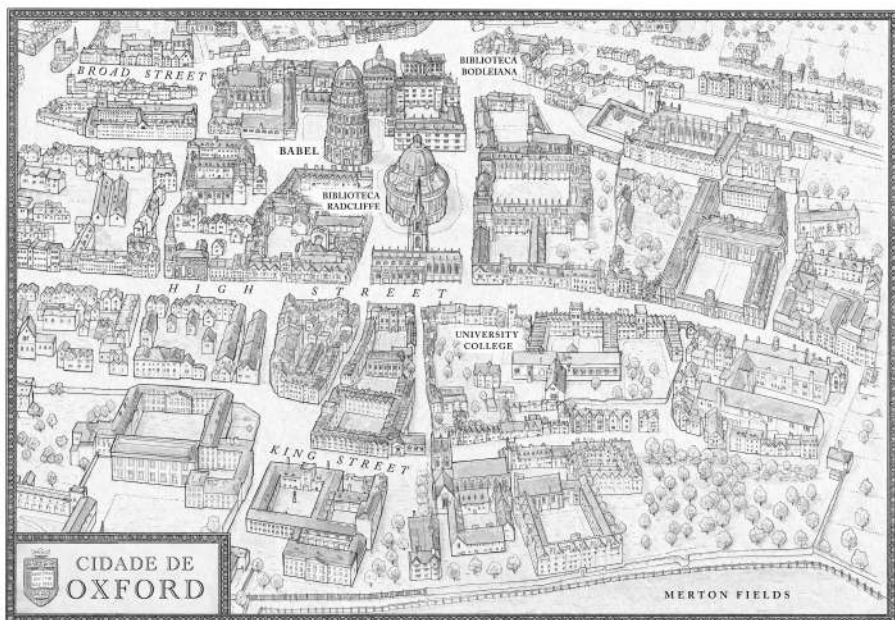
22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

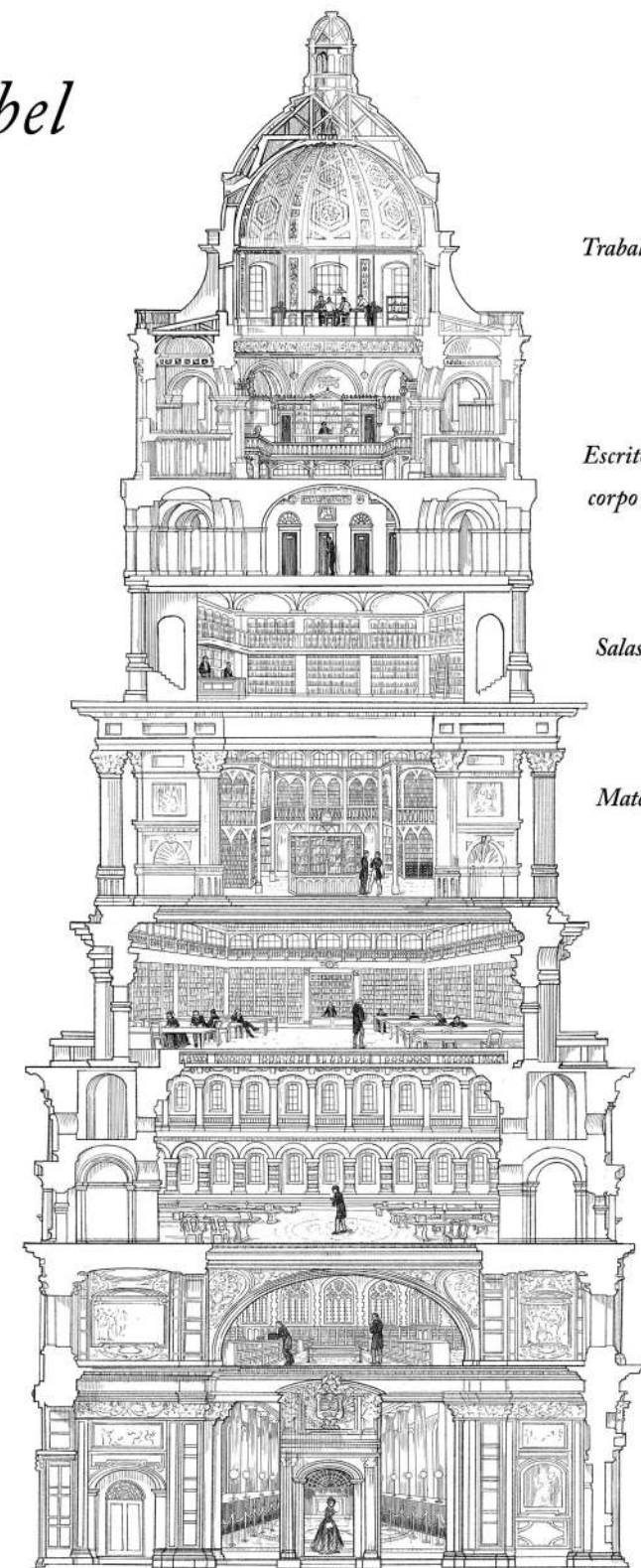
www.intrinseca.com.br

*Para Bennett,  
que é toda a luz e todo o riso do mundo.*





# Babel



*Trabalhos com prata*

*Escritórios do  
corpo docente*

*Salas de aula*

*&*

*Materiais de referência*

*Departamento de  
Literatura*

*Departamento de  
Interpretação*

*Departamento  
Jurídico*

*Saguão*





*Nota da autora sobre suas representações  
da Inglaterra histórica e da Universidade  
de Oxford em particular*

O problema de escrever um romance ambientado em Oxford é que qualquer pessoa que tenha passado algum tempo lá vai examinar minuciosamente seu texto a fim de determinar se a representação de Oxford que você produziu está de acordo com as lembranças que ela mesma tem do lugar. É ainda pior se você for uma norte-americana escrevendo sobre Oxford, afinal, o que os norte-americanos sabem? Apresento aqui minha defesa.

*Babel ou a necessidade de violência* é uma obra de ficção especulativa e, portanto, se passa em uma versão fantástica de Oxford na década de 1830, cidade cuja história foi completamente alterada pelo uso da prata (mais sobre isso em breve). Ainda assim, tentei me manter, sempre que possível, fiel aos registros históricos da vida em Oxford no início da Era Vitoriana e introduzi inconsistências factuais apenas quando a narrativa exigiu. Para referências sobre a Oxford do início do século XIX, recorri ao interessantíssimo *The Historical Handbook and Guide to Oxford* (1878), de James J. Moore, bem como aos volumes VI e VII de *The History of the University of Oxford*, organizados por M.G. Brock e M.C. Curthoys (1997 e 2000, respectivamente), entre outros.

No que diz respeito à retórica e à tessitura geral da vida (como as gírias da Oxford do início do século XIX, que diferem bastante das gírias da Oxford contemporânea),\* lancei mão de fontes primárias como *A History of the Colleges, Halls, and Public Buildings Attached to the University of Oxford: Including the Lives of the Founders* (1810), de Alex Chalmers; *Recollections of Oxford* (1868), de G.V. Cox; *Reminiscences: Chiefly of Oriel College and the Oxford Movement* (1882), de Thomas Mozley; e *Reminiscences of Oxford* (1908), de W. Tuckwell. Uma vez que a ficção também pode nos dizer muito sobre como a vida era vivida, ou pelo menos sobre como era percebida, também utilizei detalhes de romances como *The Adventures of Mr. Verdant Green* (1857), de Cuthbert Bede; *Tom Brown at Oxford* (1861), de Thomas Hughes; e *The History of Pendennis* (1850), de William Makepeace Thackeray. Para todo o restante, contei com minha memória e minha imaginação.

---

\* Por exemplo, quando eu estava em Oxford, nunca ouvi alguém se referir à High Street como “The High” [A High], mas G.V. Cox não teve a mesma percepção.

Para aqueles que conhecem Oxford e, portanto, vão ficar ansiosos para exclamar “Não, não é assim que as coisas são!”, vou explicar algumas peculiaridades. A Oxford Union\* foi estabelecida apenas em 1856, então, neste romance, refiro-me a ela pelo nome Sociedade de Debates, em referência à sua antecessora, a United Debating Society (fundada em 1823). Meu amado café Vaults & Garden só foi aberto em 2003, mas passei tanto tempo (e comi tantos *scones*) lá que não poderia negar esses mesmos prazeres a Robin e companhia. O Twisted Root, como é descrito, não existe e, pelo que sei, não há nenhum pub em Oxford com esse nome. Tampouco há uma padaria de nome Taylor’s na Winchester Road, embora eu goste muito das Taylors da High Street. O Memorial dos Mártires de Oxford existe, mas só foi finalizado em 1843, três anos após a conclusão da linha temporal deste livro. Antecipei um pouco a data de sua construção apenas para fazer uma referência espirituosa. A coroação da rainha Vitória aconteceu em junho de 1838, não em 1839. A estrada de ferro que liga Oxford a Paddington só foi inaugurada em 1844, mas na obra foi construída vários anos antes por dois motivos: primeiro, porque faz sentido, considerando as alterações históricas; e segundo, porque eu precisava fazer com que meus personagens chegassem a Londres um pouco mais rápido.

Tomei muitas liberdades artísticas em relação ao baile de encerramento, que se parece muito mais com um baile contemporâneo de encerramento letivo em Oxford ou Cambridge do que com qualquer tipo de evento social do início da Era Vitoriana. Por exemplo, sei que ostras eram um alimento comum entre as pessoas mais pobres no início da Era Vitoriana, mas escolhi tratá-las como uma iguaria porque essa foi minha primeira impressão do baile de encerramento de 2019 na Magdalene College, em Cambridge: montes e montes de ostras no gelo (eu não tinha levado bolsa e precisei equilibrar meu celular, minha taça de champanhe e uma ostra em apenas uma das mãos; como resultado, derramei champanhe nos elegantes sapatos sociais de um senhor).

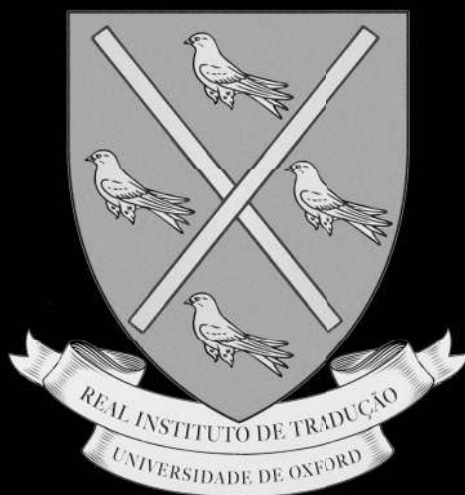
Alguns leitores talvez fiquem intrigados com a localização exata do Real Instituto de Tradução, também conhecido como Babel. Isso porque distorci a geografia para abrir espaço para ele. Imagine um gramado entre a Biblioteca Bodleiana, o Teatro Sheldonian e a Câmara Radcliffe. Agora imagine-o muito maior e coloque Babel bem no centro.

Se encontrar outras inconsistências na história, tente se lembrar de que esta é uma obra de ficção.

---

\* A Oxford Union Society, comumente designada como Oxford Union, é uma sociedade de debates na cidade de Oxford, na Inglaterra, cujos membros, em geral, pertencem à Universidade de Oxford. (N. E.)

# LIVRO I





# CAPÍTULO UM



*Que siempre la lengua fue compañera del imperio; y de tal manera lo siguió, que juntamente comenzaron, crecieron y florecieron, y después junta fue la caída de entrambos.*

*A língua sempre foi companheira do império; e de tal maneira o acompanhou que juntos se constituíram, cresceram e floresceram, e, posteriormente, ao mesmo tempo se deu o declínio de ambos.*

ANTONIO DE NEBRIJA, *Gramática de la lengua castellana*

Quando o professor Richard Lovell finalmente encontrou o caminho por entre as vielas estreitas de Cantão até o endereço desbotado em sua agenda, o menino era o único na casa ainda vivo.

O ar era fétido, o chão, escorregadio. Havia uma jarra de água cheia, intocada, ao lado da cama. No início, o menino não tinha bebido nada por medo de vomitar; agora estava fraco demais para levantar a jarra. Ele ainda estava consciente, embora envolto em uma névoa entorpecida, permeada de sonhos. Sabia que, em pouco tempo, cairia em um sono profundo e não conseguiria mais acordar. Havia sido isso que acontecera com seus avós uma semana antes, com as tias, no dia seguinte, e então com a srta. Betty, a inglesa, um dia depois.

A mãe dele havia falecido naquela manhã. O garoto estava deitado ao lado do corpo dela, observando os azuis e roxos em sua pele ficarem mais fortes. A última coisa que ela dissera ao filho tinha sido o nome dele, duas sílabas balbuciadas sem fôlego. Em seguida, seu rosto ficou flácido e disforme. A língua pendeu para fora da boca. O menino tentou fechar os olhos embaçados, mas as pálpebras teimavam em voltar a se abrir.

Ninguém respondeu quando o professor Lovell bateu à porta. Ninguém exclamou de surpresa quando ele a arrombou com um chute — a porta da frente estava trancada porque ladrões andavam saqueando as residências do bairro e, embora tivessem poucos objetos de valor em casa, o menino e a mãe queriam algumas horas de paz antes que a doença os levasse também. Do andar de cima, ele ouviu toda a comoção, mas não teve forças para se preocupar.

Àquela altura, a única coisa que queria era morrer.

O professor Lovell subiu as escadas, atravessou o quarto e ficou parado ao lado do menino por um longo momento. Não notou, ou preferiu não notar, a mulher morta na cama. O menino permaneceu imóvel em sua sombra, se perguntando se aquela figura alta e pálida, vestida de preto, tinha ido até lá ceifar sua alma.

— Como você está se sentindo? — perguntou o professor Lovell.

O menino estava ofegante demais para que conseguisse responder.

O professor Lovell se ajoelhou ao lado da cama. Tirou uma fina barra de prata do bolso da frente do paletó e a encostou no peito nu do menino. Ele se encolheu; o metal queimava como gelo.

— *Triacle* — disse o professor Lovell, primeiro em francês. Depois, acrescentou: — *Treacle*.\*

A barra emitiu um brilho branco pálido. E então um som estranho surgiu do nada; um zumbido, um sibilo. O menino gemeu e se curvou para o lado, a língua explorando confusamente o interior da boca.

— Agente firme — murmurou o professor Lovell. — Você vai sentir o gosto de algo. Engula.

Segundos se passaram. A respiração do menino se acalmou. Ele abriu os olhos. Via o professor Lovell com mais clareza, conseguia distinguir os olhos verde-acinzentados e o nariz aquilino — *yīnggōubí*, era como chamavam, um nariz de bico de águia — que só poderia pertencer ao rosto de um estrangeiro.

— Como está se sentindo agora? — perguntou o professor Lovell.

O menino respirou fundo outra vez. Então disse, em um inglês surpreendentemente correto:

— É doce. É muito doce...

— Ótimo. Isso significa que funcionou. — O professor Lovell guardou a barra de volta no bolso. — Tem mais alguém vivo aqui?

— Não — sussurrou o menino. — Só eu.

— Tem alguma coisa que você não pode deixar para trás?

---

\* Em português, *teriaga*. Composto medicinal preparado com muitos ingredientes, antigamente usado como um antídoto para mordidas venenosas, venenos em geral e enfermidades em que se considerava haver alguma forma de envenenamento, como era o caso das doenças infecciosas e síndromes febris, sendo enorme a procura nos períodos das grandes epidemias. Quando o açúcar de cana ainda era uma mercadoria asiática pouco comum, os ingleses recomendavam o *treacle* à base de açúcar como antídoto. (N. T.)

O menino ficou em silêncio. Uma mosca pousou na bochecha de sua mãe e andou pelo nariz dela. Ele queria espantá-la, mas não tinha forças para erguer a mão.

— Não posso levar um corpo — disse o professor Lovell. — Não para onde vamos.

O menino olhou para a mãe por um longo momento.

— Meus livros — falou ele por fim. — Embaixo da cama.

O professor Lovell curvou-se para checar o espaço sob a cama e tirou de lá quatro volumes grossos. Livros em inglês, a lombada desgastada pelo uso, algumas páginas tão finas que estavam quase ilegíveis. O professor folheou-os, sem conseguir conter um sorriso, e os colocou na mala. Em seguida, passou os braços sob o corpo magro do menino e o carregou para fora da casa.

Em 1829, a epidemia que mais tarde ficou conhecida como Cólera Asiática se disseminou de Calcutá, atravessando a Baía de Bengala até o Extremo Oriente — primeiro para o Sião, em seguida para Manila e por fim para o litoral da China, em navios mercantes cujos marinheiros desidratados e de olhos encovados despejavam seus excrementos no Rio das Pérolas, contaminando as águas que milhares bebiam e onde lavavam as roupas, nadavam e se banhavam. A epidemia atingiu Cantão como um maremoto, avançando rapidamente das docas para as áreas residenciais. O bairro do menino havia sucumbido em questão de semanas, famílias inteiras perecendo, desamparadas, em suas casas. Quando o professor Lovell carregou o menino para fora dos becos de Cantão, todos os outros moradores de sua rua já estavam mortos.

O menino ficou sabendo de tudo isso quando acordou em um quarto limpo e bem iluminado na Feitoria Inglesa,\* envolto em cobertas mais macias e mais brancas do que qualquer coisa que já houvesse tocado na vida. No entanto, elas não contribuíam muito para reduzir seu desconforto. Sentia um calor terrível, e sua língua parecia uma pedra densa e arenosa dentro da boca. Tinha a sensação de estar flutuando muito acima do próprio corpo. Toda vez que o professor falava, ele sentia pontadas dolorosas nas têmporas, acompanhadas de lampejos de vermelho.

— Você teve muita sorte — disse o professor Lovell. — Essa doença mata praticamente tudo que toca.

---

\* O Distrito das Treze Feitorias, também conhecidas como Feitorias de Cantão, era um bairro ao longo do Rio das Pérolas, no sudoeste de Cantão, fundado em 1684, durante a dinastia Qing. Entre 1757 e 1842, todo o comércio entre a China e o Ocidente se desenvolveu nesse distrito. (N. T.)

O menino o encarou, fascinado pelo rosto comprido e pelos olhos claros e acinzentados do estrangeiro. Se deixasse a visão perder o foco, o estrangeiro se transformava em um pássaro gigante. Um corvo. Não, uma ave de rapina. Algo feroz e forte.

— Entende o que estou dizendo?

O menino umedeceu os lábios ressecados e balbuciou uma resposta.

O professor Lovell balançou a cabeça.

— Não. Em inglês. Use seu inglês.

A garganta do menino ardia. Ele tossiu.

— Eu sei que você fala inglês. — A voz do professor Lovell tinha um tom de reprimenda. — Use-o.

— Minha mãe... — sussurrou o menino. — O senhor se esqueceu da minha mãe.

O professor Lovell não respondeu. Levantou-se abruptamente e espanou os joelhos antes de sair, embora o menino custasse a acreditar que alguma poeira pudesse ter se acumulado ali nos poucos minutos que ele havia permanecido sentado.

Na manhã seguinte, o menino conseguiu tomar uma tigela inteira de caldo sem vomitar. No outro dia, conseguiu ficar de pé sem sentir muita vertigem, embora seus joelhos tremessem tanto por causa da falta de uso que ele teve que se apoiar na cama para não cair. A febre cedeu; o apetite melhorou. Quando voltou a acordar, na tarde daquele mesmo dia, viu que a tigela tinha sido substituída por um prato com duas fatias grossas de pão e um pedaço de rosbife, que devorou, pegando a comida com as mãos, faminto.

Passou a maior parte do dia imerso em um sono sem sonhos, interrompido de tempos em tempos pela chegada de uma certa sra. Piper — uma mulher roliça e alegre que afofava seus travesseiros, passava panos úmidos deliciosamente refrescantes em sua testa e falava inglês com um sotaque tão peculiar que o menino sempre tinha que pedir que ela repetisse várias vezes o que dissera.

— Minha nossa — comentou ela, rindo, na primeira vez que ele fez isso. — Bem se vê que você nunca conheceu um escocês.

— Um... escocês? O que é um escocês?

— Não se preocupe com isso. — Ela deu um tapinha na bochecha dele. — Logo você vai aprender sobre todas as divisões da Grã-Bretanha.

Naquela noite, a sra. Piper chegou com o jantar — pão e carne outra vez — e com a notícia de que o professor queria vê-lo em seu escritório.



— É no andar de cima. Segunda porta à direita. Termine de comer primeiro; ele não vai a lugar nenhum.

O menino não demorou a comer e, com a ajuda da sra. Piper, se vestiu. Ele não sabia de onde as roupas tinham surgido — o estilo era ocidental e elas se ajustavam surpreendentemente bem a seu corpo baixo e magro —, mas estava cansado demais para perguntar.

Enquanto subia as escadas, ele tremia, não sabia ao certo se de fadiga ou ansiedade. A porta do escritório do professor estava fechada. Parou um momento para recuperar o fôlego, em seguida bateu.

— Pode entrar — disse o professor.

A porta era muito pesada. O menino teve que apoiar todo o peso do corpo contra a madeira para abri-la. Lá dentro, foi envolvido pelo cheiro de almíscar e tinta dos livros. Havia pilhas e mais pilhas deles; alguns estavam dispostos de maneira ordenada em prateleiras, outros, empilhados em pirâmides bagunçadas por todo o escritório; havia volumes espalhados pelo chão, enquanto outros se equilibravam nas mesas que pareciam dispostas ao acaso no labirinto mal iluminado.

— Aqui.

O professor estava quase escondido pelas estantes. O menino caminhou até ele, hesitante, com medo de que mesmo o menor movimento errado fizesse as pirâmides desmoronarem.

— Não seja tímido. — O professor estava sentado atrás de uma grande mesa coberta de livros, papéis e envelopes. Gesticulou para que o menino se sentasse diante dele. — Eles deixavam você ler bastante aqui? O inglês não era um problema?

— Eu lia um pouco. — O menino sentou-se com cautela, tomando cuidado para não pisar nos volumes (os registros de viagem de Richard Hakluyt, ele notou) reunidos a seus pés. — Nós não tínhamos muitos livros. Eu acabava relendo o que tínhamos.

Para alguém que nunca havia saído de Cantão, o inglês do menino era surpreendentemente bom. Ele falava apenas com um resquício de sotaque. Isso graças a uma inglesa, uma certa srta. Elizabeth Slate, que ele chamava de srta. Betty e que tinha vivido com sua família desde que ele se entendia por gente. O menino nunca havia entendido muito bem o que ela fazia lá — sua família definitivamente não era rica o bastante para ter empregados, muito menos uma estrangeira —, mas alguém devia estar pagando o salário dela, porque a srta. Betty permaneceu com eles mesmo depois de a pandemia chegar à cidade. Seu cantonês era razoável, o suficiente para que ela circulasse pela cidade sem

problemas, mas, com o menino, falava apenas em inglês. Parecia que sua única tarefa era cuidar dele, e tinha sido por intermédio das conversas com ela, e mais tarde com marinheiros britânicos nas docas, que o menino se tornara fluente.

Ele lia na língua melhor do que falava. Desde os quatro anos, recebia um grande pacote de livros em inglês duas vezes por ano. O endereço do remetente era uma residência em Hampstead, nos arredores de Londres — um lugar que a srta. Betty não parecia conhecer e sobre o qual o menino, é claro, nada sabia. Apesar disso, ele e a srta. Betty costumavam sentar-se juntos à luz de velas, passando laboriosamente os dedos sobre cada palavra enquanto liam em voz alta. Já mais velho, ele passava tardes inteiras debruçado sobre as páginas gastas, sozinho. Mas uma dúzia de livros mal dava para seis meses; lia cada um deles tantas vezes que os havia praticamente memorizado quando a remessa seguinte chegava.

Deu-se conta, naquele momento, sem compreender muito bem a situação como um todo, de que aqueles pacotes deviam ter sido enviados pelo professor.

— Eu gosto bastante de ler — acrescentou ele, debilmente. Então, achando que deveria dizer um pouco mais, prosseguiu: — E não, o inglês não era um problema.

— Ótimo. — O professor Lovell pegou um exemplar da prateleira atrás dele e o deslizou sobre a mesa. — Imagino que não conheça este.

O menino olhou para o título. *A riqueza das nações*, de Adam Smith. Balançou a cabeça.

— Sinto muito, não conheço.

— Tudo bem. — O professor abriu o livro em uma página bem no meio e apontou. — Leia em voz alta para mim. Começando aqui.

O menino engoliu em seco, pigarreou e começou a ler. A grossura do livro intimidava, a fonte era muito pequena e a prosa se mostrou consideravelmente mais difícil do que a dos romances de aventura tão vivazes que ele costumava ler com a srta. Betty. A língua tropeçava nas palavras que ele não conhecia, palavras que lhe restava apenas pronunciar conjecturando o significado.

— *As van... vantagens par-particulares que cada país co-lo-colonizador obtém das co... colônias que lhe per... pertencem são de dois tipos diferentes; primeiro, aquelas vantagens comuns que todo império o... obtém?* — Ele pigarreou outra vez. — *Obtém... das pro... vências su-submetidas ao seu domí...\**

---

\* No Livro IV, Capítulo VII, de *A riqueza das nações*, Adam Smith argumenta contra o colonialismo, alegando que a defesa das colônias demandava muitos recursos e que os ganhos econômicos obtidos com o comércio colonial monopolista eram uma ilusão. Em suas palavras: “A Grã-Bretanha não obtém nada do domínio que exerce sobre suas colônias além de prejuízo.” Essa visão não era amplamente compartilhada na época.

— Já chega.

Ele não fazia ideia do que tinha acabado de ler.

— Senhor, o que...

— Está tudo bem — respondeu o professor. — Eu não esperava que entendesse de economia internacional. Você se saiu muito bem. — Ele colocou o livro de lado, enfiou a mão na gaveta da mesa e tirou de lá uma barra de prata. — Lembra-se disto?

O menino o encarou, os olhos arregalados, receoso demais para tocá-la.

Tinha visto barras como aquela antes. Eram raras em Cantão, mas todos sabiam sobre elas. *Yínfúlù*, talismãs de prata. Ele as vira incrustadas nas proas dos navios, engastadas nas laterais de palanquins e instaladas acima das portas de entrepostos no bairro estrangeiro. Nunca havia entendido exatamente o que eram, e ninguém em sua casa sabia explicar. A avó as chamava de feitiços de homens ricos, amuletos de metal que carregavam bênçãos dos deuses. A mãe achava que as barras aprisionavam demônios, que podiam ser invocados para cumprir as ordens de seus senhores. Até mesmo a srta. Betty, que não escondia seu desdém pelas superstições dos chineses e criticava constantemente a atenção que a mãe dele dedicava a espíritos famintos,\* achava-as perturbadoras.

— É feitiçaria — dizia ela quando ele perguntava. — Obra do diabo, é isso que essas barras são.

Então o menino não sabia nada sobre aqueles *yínfúlù*, tirando o fato de que havia sido uma barra exatamente como aquelas que dias antes salvara sua vida.

— Vá em frente. — O professor Lovell estendeu a barra para ele. — Dê uma olhada. Ela não morde.

O menino hesitou, em seguida a recebeu com ambas as mãos. A barra era muito lisa e fria ao toque, mas, fora isso, parecia um objeto como outro qualquer. Se havia mesmo um demônio preso ali dentro, ele se escondia muito bem.

— Consegue ler o que está escrito?

O menino olhou mais de perto e reparou que de fato havia uma inscrição, pequenas palavras habilmente gravadas de cada lado da barra: letras de um lado, caracteres chineses do outro.

— Consigo.

---

\* O “espírito faminto” (ou “fantasma faminto”) é um conceito presente no budismo chinês e no taoísmo, bem como na religião popular chinesa, que representa seres movidos por intensas necessidades emocionais, insaciáveis. (N. T.)

— Diga as palavras em voz alta. Primeiro em chinês, depois em inglês. Pronuncie-as com clareza.

O menino reconheceu os caracteres chineses, embora a caligrafia fosse um pouco estranha, como se os símbolos tivessem sido desenhados por alguém que os tivesse visto e copiado, radical por radical, sem saber o que significavam. Estava escrito: 囫圇吞棗.

— *Húlún tūn zǎo* — leu ele devagar, tomando o cuidado de enunciar cada sílaba. Em seguida mudou para o inglês. — Aceitar sem pensar.

A barra começou a zumbir.

Sua língua inchou de imediato, obstruindo as vias aéreas. O menino levou as mãos ao pescoço, sufocando. A barra caiu em seu colo, onde continuou a vibrar loucamente, dançando como se estivesse possuída. Um gosto doce e enjoativo encheu sua boca. *Tâmaras*, pensou o menino debilmente, as bordas de seu campo de visão já escurecendo. *Tâmaras* rijas e muito doces, tão maduras que eram enjoativas. Estava se afogando nelas. A garganta totalmente bloqueada, não conseguia respirar...

— Pronto. — O professor Lovell se inclinou para a frente e tirou a barra do colo dele.

A sensação de asfixia desapareceu. O menino desabou sobre a mesa, respirando com sofreguidão.

— Interessante — disse o professor Lovell. — Nunca vi a barra ter um efeito tão forte. Que gosto tem na boca?

— *Hóngzǎo*. — Lágrimas escorriam pelo rosto do menino. Ele prontamente se corrigiu, repetindo em inglês: — *Tâmaras*.

— Isso é bom. Muito bom. — O professor Lovell observou-o por um longo momento, depois colocou a barra de volta na gaveta. — Excelente, na verdade.

O menino enxugou as lágrimas, fungando. O professor Lovell se recostou na cadeira, esperando que o menino se recuperasse um pouco antes de continuar.

— Daqui a dois dias, a sra. Piper e eu vamos deixar este país rumo a uma cidade chamada Londres, em um país chamado Inglaterra. Tenho certeza de que já ouviu falar de ambos.

O menino fez que sim com a cabeça, hesitante. Londres existia para ele como Lilipute: um lugar distante, imaginário, fantástico, onde ninguém nem de longe se parecia com ele, tampouco se vestia ou falava como ele.

— Minha proposta é levá-lo conosco. Você vai morar na minha casa, e eu lhe darei comida e um lugar para ficar até ter idade suficiente para ganhar seu próprio dinheiro. Em troca, você vai se dedicar a estudos que são parte de

um currículo concebido por mim. Vai estudar línguas: latim, grego e, é claro, mandarim. Vai desfrutar de uma vida tranquila e confortável e da melhor educação que o dinheiro pode proporcionar. A única coisa que espero é que você se dedique com afinco aos estudos.

O professor Lovell uniu as mãos como se fosse rezar. O tom dele deixou o menino confuso. Era absolutamente indiferente e frio. Ele não sabia dizer se o professor Lovell *queria* que ele fosse para Londres ou não; na verdade, aquilo parecia mais uma proposta de negócios do que uma adoção.

— Eu o aconselho a considerar bem minha proposta — continuou o professor Lovell. — Sua mãe e seus avós estão mortos, nada se sabe do seu pai e você não tem parentes. Se ficar aqui, não vai ter um centavo em seu nome. As únicas coisas que vai conhecer serão a pobreza, a doença e a fome. Se tiver sorte, vai conseguir trabalho nas docas, mas ainda é pequeno, então vai passar alguns anos mendigando ou roubando. Supondo que chegue à idade adulta, o melhor que pode esperar é um trabalho extenuante em algum navio.

O menino se viu olhando, fascinado, para o rosto do professor Lovell enquanto ele falava. Não que nunca tivesse estado diante de um inglês antes. Havia conhecido muitos marinheiros nas docas e já vira muitos rostos de homens brancos, desde os largos e corados, passando pelos enfermos e com manchas na pele, até os longos, pálidos e severos. O rosto do professor, no entanto, apresentava um enigma totalmente diferente. Tinha todos os componentes de um rosto humano padrão — olhos, lábios, nariz, dentes, todos saudáveis e normais. Sua voz era baixa e um tanto monocórdia, mas ainda assim uma voz humana. Quando falava, no entanto, o tom e a fisionomia eram desprovidos de emoção. Ele era uma página em branco. O menino não fazia a menor ideia do que ele estava sentindo. Enquanto descrevia a morte precoce e inevitável do rapaz, era como se o professor estivesse ditando os ingredientes de um ensopado.

— Por quê? — perguntou o menino.

— Por que o quê?

— Por que o senhor quer que eu vá?

O professor inclinou a cabeça, indicando a gaveta na qual estava a barra de prata.

— Porque você é capaz de fazer *aquilo*.

Só então o menino se deu conta de que tinha passado por um teste.

— Estes são os termos da minha tutela. — O professor Lovell deslizou um documento de duas páginas sobre a mesa.

O menino olhou para baixo, mas logo desistiu de tentar decifrá-lo; a caligrafia apertada e cheia de curvas parecia quase ilegível.

— São termos muito simples — prosseguiu o professor —, mas é melhor que você leia tudo antes de assinar. Pode fazer isso hoje à noite, antes de dormir?

O menino estava perturbado demais para fazer qualquer coisa além de concordar com a cabeça.

— Ótimo — disse o professor Lovell. — Mais uma coisa. Me ocorreu que você precisa de um nome.

— Eu tenho nome — respondeu o menino. — É...

— Não, esse nome não serve. Nenhum inglês vai conseguir pronunciá-lo. A srta. Slate não lhe deu um nome?

A mulher lhe dera um nome, na verdade. Quando o menino completou quatro anos, a srta. Slate insistira para que ele adotasse um nome que fizesse os ingleses o levarem a sério, embora nunca tivesse explicado quem seriam esses tais ingleses. Escolheram um nome ao acaso, de um livro de rimas infantil, e o menino gostou de como as sílabas soavam firmes e sonoras em sua língua, de modo que não fez nenhuma objeção. No entanto, ninguém mais na casa o adotou, e logo a srta. Betty também o deixou de lado. O menino teve que pensar por um momento até se lembrar.

— Robin.\*

O professor Lovell ficou em silêncio. Sua expressão deixou o menino confuso: as sobrancelhas estavam franzidas, como se ele estivesse com raiva, mas um dos cantos da boca se curvara para cima, como se estivesse satisfeito.

— E o sobrenome?

— Eu tenho sobrenome.

— Um que sirva em Londres. Escolha o que quiser.

O menino piscou.

— Escolher... um sobrenome?

Nomes de família não eram algo que apenas se descartava e se substituíam por capricho, pensou ele. Eram a marca de uma linhagem; a marca de um pertencimento.

— Os ingleses reinventam seus sobrenomes o tempo todo — disse o professor Lovell. — As únicas famílias que os mantêm fazem isso porque possuem títulos que desejam preservar, e você definitivamente não tem nenhum. Só precisa de um sobrenome com o qual se apresentar. Qualquer um serve.

— Então posso usar o seu? Lovell?

---

\* *I killed Cock Robin. / Who saw him die?* Em tradução livre, “Eu matei o Pisco / Quem o viu morrer?”. Trecho de uma antiga canção de ninar inglesa, em que um pássaro pisco-de-peito-ruivo é morto. (N. T.)

— Ah, não — objetou o professor Lovell. — As pessoas vão pensar que eu sou seu pai.

— Ah... claro.

Os olhos do menino percorreram desesperadamente a sala, procurando alguma palavra ou um som ao qual se agarrar. Pousaram em um volume familiar na prateleira acima da cabeça do professor Lovell: *Viagens de Gulliver*. Um estranho em uma terra estranha, que teria de aprender os idiomas locais se não quisesse morrer. Achava que agora entendia como Gulliver se sentira.

— Swift? — arriscou. — A não ser que...

Para sua surpresa, o professor Lovell riu. Foi estranho ouvir uma risada saindo daquela boca severa; soou abrupta demais, quase cruel, e o menino não pôde evitar estremecer.

— Ótimo. De agora em diante você é Robin Swift. Prazer em conhecê-lo, sr. Swift.

Ele se levantou e estendeu a mão por cima da mesa. O menino já tinha visto marinheiros estrangeiros se cumprimentando nas docas, então sabia o que fazer. Tocou aquela palma grande, seca e desconfortavelmente fria. Eles deram um aperto de mão.

Dois dias depois, o professor Lovell, a sra. Piper e o recém-batizado Robin Swift partiram para Londres. Àquela altura, graças a muitas horas de repouso na cama e a uma dieta constante, à base de leite quente e da farta comida da sra. Piper, Robin estava bem o suficiente para caminhar sem ajuda. Ele arrastava um pesado baú cheio de livros pela prancha de embarque, se esforçando para acompanhar o ritmo do professor.

O porto de Cantão, a entrada por onde a China tinha contato com o mundo, era um universo de línguas. Palavras em português, francês, neerlandês, sueco, dinamarquês, inglês e chinês, ditas rápido e em voz alta, flutuavam no ar salgado, misturando-se em um *pidgin* de improvável inteligibilidade, mas que quase todos compreendiam, embora poucos fossem capazes de falá-lo com facilidade. Robin o conhecia bem. Obtivera seus primeiros conhecimentos de línguas estrangeiras correndo ao longo do cais, onde costumava atuar como intérprete para marinheiros em troca de uma moeda e um sorriso. Nunca havia imaginado que seguiria os fragmentos linguísticos daquele *pidgin* até sua fonte.

---

\* O autor de *Viagens de Gulliver* é Jonathan Swift. (N. T.)

Eles haviam caminhado pelo cais para se juntar à fila de embarque do *Condessa de Harcourt*, um dos navios da Companhia das Índias Orientais que levava um pequeno número de passageiros comerciais em cada viagem. O mar estava barulhento e agitado naquele dia. Robin estremeceu quando rajadas geladas penetraram violentamente seu casaco. Queria muito estar dentro do navio, em uma cabine ou em qualquer lugar com paredes, mas algo estava atrasando a fila de embarque. O professor Lovell deu um passo para o lado para dar uma olhada. Robin fez o mesmo. No topo da prancha de embarque, um tripulante repreendia um passageiro, vogais duras em inglês cortando o ar frio da manhã.

— Não consegue entender o que estou dizendo? *Nirrau?* *Leirró?* Nada?

O alvo de sua ira era um trabalhador chinês, curvado com o peso da bolsa que levava pendurada no ombro. Se o trabalhador deu uma resposta, Robin não conseguiu ouvir.

— Não entende uma palavra do que estou dizendo! — reclamou o tripulante. E se virou para a multidão. — Alguém pode dizer a esse sujeito que ele não vai embarcar?

— Ah, coitado — disse a sra. Piper, cutucando o braço do professor Lovell. — O senhor não pode traduzir?

— Eu não falo o dialeto cantonês — respondeu o professor Lovell. — Robin, vá até lá.

Robin hesitou, subitamente temeroso.

— *Vá* — repetiu o professor Lovell, empurrando-o prancha acima.

Robin avançou a passos hesitantes em direção ao entrevero. Tanto o tripulante quanto o trabalhador se viraram para encará-lo. O tripulante demonstrou apenas irritação, mas o trabalhador deu a impressão de estar aliviado; parecia ter reconhecido de imediato no rosto de Robin um aliado, o único outro chinês à vista.

— O que houve? — perguntou Robin em cantonês.

— Ele não me deixa embarcar — disse o trabalhador, aflito. — Mas eu tenho um contrato com este navio até Londres, veja, está escrito aqui.

Ele entregou a Robin uma folha de papel dobrada.

O garoto a desdobrou. O documento estava escrito em inglês e de fato parecia um contrato de *lascarim*\* — um certificado de pagamento com duração de uma viagem de Cantão a Londres, para ser mais específico. Robin já tinha visto contratos como aquele; haviam se tornado cada vez mais comuns nos últimos anos, conforme a demanda por empregados chineses contratados

---

\* Marinheiro ou miliciano oriundo do subcontinente indiano, do Sudeste da Ásia ou do mundo árabe, empregado em navios europeus do século XVI até meados do século XX. (N. T.)



em caráter temporário crescia concomitantemente às dificuldades enfrentadas pelo comércio ultramarino de pessoas escravizadas. Não era o primeiro contrato que ele traduzia; já vira ordens de serviço para que trabalhadores chineses embarcassem rumo a destinos tão distantes quanto Portugal, Índia e Índias Ocidentais.

Tudo parecia em ordem para ele.

— Então, qual é o problema?

— O que ele está dizendo a você? — perguntou o tripulante. — Pode avisar que esse contrato não serve. Não vou aceitar chinas neste navio. O último navio em que eu trabalhei e que transportou um china ficou infestado de piolhos. Não vou correr riscos por causa de pessoas que não sabem se lavar. Esse daí não conseguiria entender a palavra *banho* nem se eu berrasse no ouvido dele. Ei! Garoto? Entende o que estou dizendo?

— Entendo, entendo. — Robin voltou apressadamente para o inglês. — Sim, estou só... Me dê um instante, estou só tentando...

Mas o que ele deveria dizer?

Sem entender nada, o trabalhador dirigiu a Robin um olhar suplicante. Seu rosto era marcado por rugas e queimado pelo sol, curtido de uma maneira que o fazia parecer ter sessenta anos, embora provavelmente ainda estivesse na casa dos trinta. Todos os lascarins envelheciam rápido; o trabalho castigava o corpo deles. Robin já tinha visto aquele rosto mil vezes nas docas. Alguns lhe davam doces; outros o conheciam bem o bastante para cumprimentá-lo pelo nome. Ele associava aquele rosto aos de seu próprio povo, mas nunca tinha visto um de seus conterrâneos de mais idade se voltar para ele com tal impotência.

A culpa lhe deu um nó no estômago. Palavras se acumulavam em sua língua, palavras cruéis e terríveis, mas ele não conseguia reuni-las em uma frase.

— Robin. — O professor Lovell surgiu ao seu lado, apertando seu ombro com tanta força que doeu. — Traduza, por favor.

Robin se deu conta de que a solução para tudo aquilo dependia dele. A escolha era sua. Apenas ele poderia determinar a verdade, porque só ele era capaz de comunicá-la a todos os envolvidos.

Mas o que poderia dizer? Via a fúria do tripulante. Ouvia os murmúrios impacientes dos outros passageiros na fila. Estavam cansados, com frio, não entendiam por que ainda não haviam embarcado. Sentiu o polegar do professor Lovell fazendo um sulco em sua clavícula, e um pensamento lhe ocorreu — um pensamento tão aterrador que fez seus joelhos tremerem: o *Condessa de Harcourt* poderia simplesmente partir e deixá-lo para trás também.

— Seu contrato não serve — murmurou ele para o trabalhador. — Tente o próximo navio.

O trabalhador ficou boquiaberto, incrédulo.

— Você leu? Diz Londres, diz Companhia das Índias Orientais, diz *este* navio, o *Condessa*...

Robin balançou a cabeça.

— Não serve — disse ele, em seguida repetiu a frase, como se isso tivesse o poder de torná-la verdadeira. — Não serve, você vai ter que tentar o próximo navio.

— Qual é o problema com o contrato? — perguntou o trabalhador.

Robin mal conseguiu pronunciar as palavras.

— Simplesmente não serve.

O trabalhador o encarou, sem acreditar. Mil emoções atravessaram seu rosto maltratado: indignação, frustração e, por fim, resignação. Robin teve medo de que ele discutisse, brigasse, mas logo ficou claro que, para aquele homem, aquele tipo de tratamento não era novidade. Aquilo já havia acontecido antes. O trabalhador se virou e desceu a prancha de embarque, empurrando os passageiros para o lado enquanto abria caminho. Logo desapareceu de vista.

Robin se sentiu tonto. Desceu a prancha, indo se juntar à sra. Piper.

— Estou com frio.

— Ah, você está tremendo, pobrezinho.

No mesmo instante, ela o envolveu como uma mãe superprotetora, cobrindo-o com seu xale, e dirigiu uma palavra ríspida ao professor Lovell. Ele suspirou e assentiu; então se apressaram até a frente da fila, de onde foram levados direto para suas cabines enquanto um carregador pegava a bagagem e seguia atrás deles.

Uma hora depois, o *Condessa de Harcourt* deixou o porto.

Robin estava acomodado em seu beliche com um cobertor grosso em torno dos ombros, e adoraria ter ficado lá o dia todo, mas a sra. Piper insistiu para que ele voltasse ao convés para assistir à costa ficando cada vez mais distante. Robin sentiu uma dor aguda no peito enquanto Cantão desaparecia no horizonte, em seguida um vazio lancinante, como se um arpéu tivesse arrancado seu coração do corpo. Até aquele momento, ainda não havia parado para pensar que não voltaria a pôr os pés em sua terra natal por muitos anos, talvez nunca mais. Não sabia ao certo como lidar com esse fato. A palavra *perda* era inadequada. Perda significava apenas uma falta, significava que algo

estava ausente, mas não abarcava a totalidade daquela ruptura, daquela aterradoradora des-ancoragem de tudo que ele sempre conhecera.

Ficou observando o mar por um longo tempo, sem se importar com o vento, olhando fixamente até que mesmo sua visão imaginada da costa se desvanecesse.

Passou os primeiros dias da viagem dormindo. Ainda estava se recuperando; a sra. Piper insistia para que ele fizesse caminhadas diárias no convés por causa da saúde, mas no início Robin só conseguia andar alguns minutos por vez antes de ter que se deitar de novo. Teve a sorte de ser poupado dos enjoos; uma infância inteira ao longo de docas e rios havia habituado seus sentidos à incômoda instabilidade. Depois que já estava se sentindo forte o suficiente para passar tardes inteiras no convés, gostava de ficar sentado junto à amurada, observando as ondas infundáveis mudarem de cor com o céu, sentindo o mar borrifar seu rosto.

Ocasionalmente, o professor Lovell conversava com ele enquanto caminhavam juntos pelo convés. Robin aprendeu rápido que ele era um homem escrupuloso e reticente. Fornecia informações quando achava que o menino precisava delas, mas, caso contrário, ficava satisfeito em deixar as perguntas sem resposta.

Disse a Robin que, quando chegassem à Inglaterra, iam morar em sua propriedade em Hampstead. Não explicou se tinha família nessa propriedade. Confirmou que havia pagado a srta. Betty durante todos aqueles anos, mas não explicou por quê. Deu a entender que conhecera a mãe de Robin, e foi assim que soube o endereço deles, mas não entrou em detalhes sobre a natureza do relacionamento ou sobre como haviam se conhecido. O único momento em que fez menção ao fato de se conhecerem foi quando perguntou a Robin como sua família tinha ido parar naquele casebre à beira do rio.

— Eram uma família de comerciantes abastados quando os conheci — disse ele. — Tinham uma propriedade em Pequim antes de se mudarem para o sul. O que houve? Jogatina? Se for como imagino, foi o irmão, não foi?

Meses antes, Robin teria cuspidido em qualquer um que se referisse à sua família de maneira tão cruel. Mas ali, sozinho no meio do oceano, sem parentes e sem nenhuma posse, não era capaz de invocar a ira necessária. Não lhe restava mais nenhum ímpeto. Estava apenas com medo, e muito cansado.

De qualquer forma, tudo aquilo estava de acordo com o que Robin tinha ouvido sobre a riqueza de sua família, que fora dissipada por completo nos anos após seu nascimento. A mãe se queixava disso com frequência, cheia de

amargura. Robin não conhecia muito bem os detalhes, mas o enredo envolvia os mesmos elementos que muitas outras histórias de declínio durante a dinastia Qing na China: um patriarca já idoso, um filho perdulário, amigos maliciosos e manipuladores e uma filha indefesa com quem, por alguma razão misteriosa, ninguém queria se casar. No passado, lhe disseram, ele havia dormido em um berço laqueado. No passado, haviam desfrutado de uma dúzia de criados e de um chef que preparava pratos com iguarias raras importadas dos mercados do norte. No passado, tinham morado em uma propriedade grande o suficiente para abrigar cinco famílias, com pavões passeando pelo jardim. Mas a única coisa que Robin conhecera fora a casinha junto ao rio.

— Minha mãe dizia que meu tio tinha perdido todo o dinheiro da família em casas de ópio — contou Robin a ele. — Os credores tomaram a propriedade, e tivemos que nos mudar. Então, quando eu tinha três anos, meu tio desapareceu, e ficamos apenas nós, minhas tias e meus avós. E a srta. Betty.

O professor Lovell soltou um murmúrio evasivo de consternação.

— Eu sinto muito.

A não ser por essas conversas, o professor passava a maior parte do dia enfiado em sua cabine. Eles o viam apenas com relativa regularidade, no refeitório à hora do jantar; na maior parte das vezes, a sra. Piper tinha que arrumar um prato com biscoitos e carne de porco seca e levá-lo até a cabine dele.

— Ele está trabalhando nas suas traduções — disse a sra. Piper a Robin. — Está sempre debruçado sobre pergaminhos e livros velhos nessas viagens, sabe, e gosta de ir adiantando o trabalho de traduzi-los para o inglês antes de chegar a Londres. Eles o mantêm muito ocupado por lá; ele é um homem muito importante, membro da Real Sociedade Asiática, sabe, e diz que essas viagens marítimas são o único momento em que tem um pouco de paz e sossego. Não é curioso? Ele comprou belos dicionários de rimas em Macau, lindos volumes, embora não me deixe tocá-los porque as páginas são muito delicadas.

Robin ficou surpreso ao saber que eles tinham estado em Macau. Não havia ficado sabendo de nenhuma viagem a Macau; ingenuamente, imaginara que ele era a única razão pela qual o professor Lovell tinha ido à China.

— Quanto tempo vocês passaram lá? Quer dizer, em Macau.

— Ah, pouco mais de duas semanas. A princípio ficaríamos só duas semanas, mas nós fomos retidos na alfândega. Eles não gostam de permitir a entrada de mulheres estrangeiras em território continental; eu tive que me disfarçar e fingir ser o tio do professor, acredita?

Duas semanas.

Duas semanas atrás, a mãe de Robin ainda estava viva.

— Está tudo bem, querido? — A sra. Piper afagou os cabelos dele. — Você parece pálido.

Robin fez que sim com a cabeça e engoliu as palavras que sabia que não podia dizer.

Não tinha o direito de ficar ressentido. O professor Lovell havia prometido tudo a ele, e não lhe devia nada. Robin ainda não entendia completamente as regras daquele mundo no qual estava prestes a entrar, mas compreendia a necessidade de gratidão. De respeito. Uma pessoa não deve ter rancor de alguém que a salvou.

— Quer que eu leve este prato para o professor? — perguntou ele.

— Obrigada, querido. É muito gentil da sua parte. Venha me encontrar no convés depois para assistirmos ao pôr do sol.

Robin perdeu a noção do tempo. O sol nascia e se punha, mas sem a regularidade da rotina — ele não tinha tarefas a realizar, não precisava buscar água nem sair para comprar ou resolver coisas —, todos os dias pareciam iguais, não importava a hora. Robin dormia, lia seus livros antigos e caminhava pelo convés. De vez em quando, puxava conversa com outros passageiros, que sempre pareciam encantados ao ouvir um sotaque londrino quase perfeito saindo da boca daquele menino asiático. Lembrando-se das palavras do professor Lovell, ele se esforçava para viver exclusivamente em inglês. Quando surgiam pensamentos em chinês, ele os reprimia.

Reprimia as lembranças também. A vida em Cantão — a mãe, os avós, uma década correndo pelas docas —, tudo se revelou surpreendentemente fácil de abandonar, talvez porque aquela travessia fosse tão impactante e a ruptura, tão completa. Tinha deixado para trás tudo que conhecia. Não havia nada a que se agarrar, nada para o que voltar. Seu mundo agora se resumia ao professor Lovell, à sra. Piper e à promessa de um país do outro lado do oceano. Enterrou sua vida anterior, não porque fosse tão terrível assim, mas porque deixá-la para trás era a única maneira de sobreviver. Passou a usar o sotaque inglês como se fosse um casaco novo, ajustou tudo o que pôde em si mesmo para se adequar a ele e, em poucas semanas, já se sentia confortável ao usá-lo. Algumas semanas depois, deixaram de lhe pedir que dissesse palavras em chinês por puro entretenimento. Mais algumas semanas, e ninguém parecia se lembrar de que ele era chinês.

Uma manhã, a sra. Piper o acordou muito cedo. Ele fez alguns ruídos de protesto, mas ela insistiu.

— Venha, querido, você não vai querer perder isso.

Bocejando, ele vestiu um casaco. Ainda estava esfregando os olhos quando chegaram ao convés e se depararam com uma manhã fria envolta em uma névoa tão espessa que Robin mal conseguia ver a proa do navio. Mas então a neblina se dissipou e uma silhueta cinza-escura surgiu no horizonte, e esse foi o primeiro vislumbre que Robin teve de Londres: a Cidade de Prata, o coração do Império Britânico e, naquela época, a maior e mais rica metrópole do mundo.

# CAPÍTULO DOIS



*That vast metropolis, The fountain of my country's destiny  
And of the destiny of earth itself.*

*Essa vasta metrópole, A fonte do destino do meu país  
E do destino da própria terra.*

WILLIAM WORDSWORTH, *O Prelúdio*

Londres era maçante e cinzenta; uma explosão de cores; ruidosa e estridente, cheia de vida; estranhamente silenciosa, assombrada por fantasmas e cemitérios. Enquanto o *Condessa de Harcourt* navegava cidade adentro pelo rio Tâmis até os estaleiros no coração pulsante da capital, Robin percebeu de imediato que Londres era, assim como Cantão, uma cidade de contradições e multidões, da mesma maneira que qualquer metrópole que funcionasse como uma porta para o mundo.

Mas, ao contrário de Cantão, Londres tinha um pulsar mecânico. A prata zumbia pela cidade. Reluzia nas rodas de coches e carruagens e nos cascos dos cavalos; brilhava nos prédios, abaixo de janelas e acima de portas; jazia enterrada sob as ruas e tiquetaqueava nos ponteiros dos relógios no alto das torres; era exibida em vitrines de estabelecimentos comerciais cujos letreiros ostentavam com orgulho as amplificações mágicas de seus pães, botas e bugiangas. A força vital de Londres tinha um timbre agudo e breve, totalmente diferente do ruído crepitante e seco do bambu que caracterizava Cantão. Era artificial, metálico — o som de uma faca chiando contra um amolador de aço; era o labirinto industrial monstruoso dos versos de William Blake: “Trabalhos cruéis/ De muitas Rodas vejo, roda sem roda, com engrenagens tirânicas, movendo compulsivamente umas às outras.”\*

Londres havia acumulado a maior parte tanto do minério de prata quanto das línguas do mundo, e o resultado era uma cidade maior, mais pesada, mais veloz e mais luminosa do que a natureza permitia. Londres era voraz, ganha-

---

\* William Blake, “Jerusalém”, 1804. Tradução livre.

va corpo à custa de seus espólios mas, de alguma forma, continuava faminta. Era ao mesmo tempo inimaginavelmente rica e miseravelmente pobre. Londres — a bela, feia, tentacular, saturada, descortês, arrogante, virtuosa, hipócrita Londres coberta de prata — estava se aproximando de um acerto de contas, pois não tardaria em chegar o dia em que ia devorar a si mesma ou se lançar para fora em busca de novas iguarias, mão de obra, capital e cultura dos quais se alimentar.

Mas os ventos ainda eram favoráveis, e o banquete, por enquanto, podia continuar. Quando Robin, o professor Lovell e a sra. Piper desembarcaram no porto de Londres, as docas fervilhavam com o comércio colonial no auge. Navios carregados de grandes caixas de chá, algodão e tabaco, os mastros e as vergas cravejados de prata, que os fazia navegar com mais rapidez e segurança, esperavam para ser esvaziados, preparando-se para a próxima viagem à Índia, às Índias Ocidentais, à África, ao Extremo Oriente. Transportavam mercadorias britânicas por todo o mundo. E traziam de volta baús cheios de prata.

Barras de prata vinham sendo usadas em Londres — na realidade, em todo o mundo — havia um milênio, mas desde o apogeu do Império Espanhol nenhum lugar era tão rico nesse metal ou tão dependente de seu poder. O revestimento de prata dos canais tornava a água mais fresca e mais limpa do que um rio como o Tâmisia tinha o direito de ser. A prata nas sarjetas disfarçava o fedor da chuva, do lodo e do esgoto com o perfume de rosas invisíveis. A prata nas torres de relógio fazia os sinos soarem por quilômetros e quilômetros além do que deveriam, até as notas colidirem de forma dissonante por toda a cidade e pelo campo.

Havia prata nos assentos dos carros de aluguel de duas rodas que o professor Lovell chamou depois de passarem pela alfândega: um para os três e outro para a bagagem. Enquanto eles se acomodavam, colados uns aos outros no pequeno veículo, o professor Lovell estendeu a mão por sobre os joelhos e apontou para uma barra de prata incrustada no chão da carruagem.

— Consegue ler o que diz? — perguntou ele.

Robin se inclinou para a frente, estreitando os olhos.

— Velocidade. E... *spes*?

— *Spēs* — corrigiu o professor Lovell. — É latim. É a raiz da palavra inglesa *speed*, velocidade, e significa uma associação de coisas que envolvem esperança, prosperidade, sucesso e realização de objetivos. Faz as carruagens se locomoverem com um pouco mais de segurança e rapidez.

Robin franziu a testa, passando o dedo ao longo da barra. Parecia tão pequena, inofensiva demais para produzir um efeito tão grande.



— Mas como? — E uma segunda pergunta, mais urgente: — *Eu* vou...

— Com o tempo. — O professor Lovell deu tapinhas no ombro dele. — Mas sim, Robin Swift. Você vai ser um dos poucos acadêmicos no mundo a conhecer os segredos da prata. Foi por isso que eu trouxe você para cá.

Duas horas depois, eles chegaram a um vilarejo chamado Hampstead, a vários quilômetros ao norte de Londres, onde o professor Lovell possuía uma casa de quatro andares, de tijolos vermelho-claros e estuque branco, cercada por uma generosa faixa de arbustos verdes bem-cuidados.

— Seu quarto fica no último andar — disse o professor Lovell a Robin, destrancando a porta. — Subindo as escadas, à direita.

O interior da casa estava escuro e gelado. A sra. Piper começou a abrir as cortinas, enquanto Robin carregava sua bagagem pela escada em espiral e depois pelo corredor, seguindo as instruções. No quarto havia pouca mobília — uma escrivaninha, uma cama e uma poltrona — e quase nenhuma decoração ou objeto pessoal, a não ser pela estante de canto, repleta de tantos títulos que fazia sua preciosa coleção parecer insignificante.

Curioso, Robin se aproximou. Será que aqueles livros tinham sido escolhidos especialmente para ele? Era improvável, embora muitos dos títulos parecessem ser coisas das quais ele gostaria — só na prateleira de cima havia várias obras de Swift e Defoe, romances de seus autores favoritos que ele nem sabia que existiam. Ah, *Viagens de Gulliver*. Ele tirou o livro da estante. Parecia gasto pelo uso, algumas páginas vincadas e com orelhas, outras manchadas de chá ou café.

Ele recolocou o livro no lugar, confuso. Alguém devia ter vivido naquele quarto antes dele. Algum outro garoto, talvez — alguém da sua idade, que amava Jonathan Swift tanto quanto ele e que tinha lido aquele exemplar de *Viagens de Gulliver* tantas vezes que a tinta no canto superior direito, onde o dedo virava a página, estava começando a desbotar.

Mas quem teria sido? Ele havia presumido que o professor Lovell não tinha filhos.

— Robin! — gritou a sra. Piper do andar de baixo. — O professor Lovell está esperando você lá fora.

Robin desceu as escadas correndo. O professor Lovell estava parado junto à porta, conferindo com impaciência o relógio de bolso.

— Gostou do quarto? — perguntou ele. — Tem tudo de que você precisa? Robin assentiu efusivamente.

— Ah, sim.

— Ótimo. — O professor Lovell acenou com a cabeça para o coche que estava esperando. — Entre, temos que fazer de você um inglês.

Ele queria dizer literalmente. Durante o restante da tarde, o professor Lovell acompanhou Robin em uma série de compromissos cujo objetivo era ambientá-lo à sociedade civil britânica. Foram a um médico, que o pesou, o examinou e, com certa relutância, o declarou apto para viver na ilha.

— Sem doenças tropicais nem pulgas, graças aos céus. É um pouco pequeno para a idade, mas, se o alimentarem com carne de carneiro e purê de batatas, ele vai ficar bem. Agora vou aplicar a vacina da varíola. Arregace a manga, por favor, obrigado. Não vai doer nada. Conte até três.

Foram ao barbeiro, onde as mechas rebeldes de Robin, que já estavam na altura do queixo, foram aparadas em um corte curto e bem-acabado logo acima das orelhas. Foram a um chapeleiro, a um sapateiro e, por fim, a um alfaiate, que mediu cada centímetro do corpo de Robin e lhe mostrou diversos cortes de tecido, dentre os quais o menino, confuso, escolheu alguns ao acaso.

Ao cair da tarde, foram ao tribunal encontrar-se com um advogado encarregado de redigir uma série de documentos que, segundo Robin foi informado, o tornariam legalmente cidadão do Reino Unido, sob a tutela do professor Richard Linton Lovell.

O professor Lovell assinou seu nome com um floreio. Em seguida, Robin foi até a mesa do advogado. O tampo era alto demais para ele, então um funcionário providenciou um banco sobre o qual ele pudesse ficar de pé.

— Achei que já tivesse assinado esses documentos. — Robin olhou para baixo.

A linguagem era bem parecida com a do contrato de tutela que o professor Lovell lhe dera para assinar em Cantão.

— Aquele era um documento entre nós dois — explicou o professor. — *Estes* vão fazer de você um cidadão inglês.

Robin examinou o roteiro repetido: *guardião, órfão, menor, custódia.*

— Está declarando que agora sou seu filho?

— Estou declarando que você está sob a minha tutela. É diferente.

*Por quê?*, Robin quase perguntou. Essa pergunta encerrava algo importante, embora ele ainda fosse jovem demais para saber exatamente o que era. Um momento se estendeu entre eles, carregado de possibilidades. O advogado coçou o nariz. O professor Lovell pigarreou. Mas o momento passou sem nenhum comentário. O professor não era uma pessoa expansiva, e Robin já sabia que era melhor não insistir. Então assinou.

Já fazia tempo que o sol havia se posto quando voltaram para Hampstead. Robin perguntou se poderia ir para a cama, mas o professor Lovell insistiu para que ele fosse até a sala de jantar.

— Não vai querer desapontar a sra. Piper; ela passou a tarde toda na cozinha. Ao menos remexa a comida no prato por um tempo.

A sra. Piper e sua cozinha haviam desfrutado de um magnífico reencontro. A mesa de jantar, que parecia ridiculamente grande apenas para os dois, estava repleta de jarras de leite, pãezinhos, cenouras e batatas assadas, molho, algo ainda fervilhando em uma terrina de prata e o que parecia ser um frango inteiro assado e reluzente. Robin não havia comido nada desde aquela manhã; deveria estar faminto, mas estava tão exausto que a visão de toda aquela comida fez seu estômago se revirar.

Então, ele voltou os olhos para um quadro pendurado atrás da mesa. Era impossível ignorá-lo; ele dominava toda a sala. Retratava uma bela cidade ao entardecer, mas não era Londres, ou pelo menos ele achava que não. Parecia mais distinta. Mais antiga.

— Ah. — O professor Lovell seguiu o olhar dele. — É Oxford.

*Oxford*. Já tinha ouvido essa palavra antes, mas não sabia ao certo onde. Tentou analisar o nome, como fazia com todas as palavras em inglês que não lhe eram familiares.\*

— Um... um centro de comércio de gado? É um mercado?

— Uma universidade — disse o professor Lovell. — Um lugar onde todas as grandes mentes da nação se reúnem para pesquisar, estudar, ministrar e assistir aulas. É um lugar incrível, Robin.

Ele apontou para um grande edifício abobadado no meio da pintura.

— Esta é a Biblioteca Radcliffe. E este — ele apontou para uma torre ao lado, a construção mais alta da paisagem — é o Real Instituto de Tradução. É aqui que dou aulas e onde passo a maior parte do ano quando não estou em Londres.

— É muito bonito — comentou Robin.

— Ah, sim. — O professor Lovell falou com um entusiasmo incomum. — É o lugar mais bonito do mundo.

Ele estendeu as mãos, como se visualizasse Oxford bem à sua frente.

---

\* *Oxford*, em inglês antigo *Oxnaford* (também *Oxenaford*), quer dizer “vau dos bois”. (N. T.)

— Imagine uma cidade de acadêmicos, todos pesquisando as coisas mais magníficas e fascinantes. Ciência. Matemática. Línguas. Literatura. Imagine prédios e mais prédios repletos de mais livros do que você já viu em toda a sua vida. Imagine silêncio, privacidade e um lugar tranquilo para pensar. — Ele suspirou. — Londres é uma balbúrdia caótica. É impossível fazer qualquer coisa aqui; a cidade é barulhenta demais e exige demais de você. É possível se refugiar em lugares como Hampstead, mas o núcleo ruidoso o atrai de volta, quer você queira ou não. Oxford, por outro lado, oferece todas as ferramentas de que você precisa para fazer o seu trabalho: comida, roupas, livros, chá... e depois o deixa em paz. É o centro de todo o conhecimento e de toda a inovação do mundo civilizado. E, caso se saia suficientemente bem nos seus estudos aqui, um dia você poderá ter a sorte de chamá-la de lar.

A única resposta apropriada naquele momento parecia ser um silêncio reverente. O professor Lovell admirou o quadro com um ar melancólico. Robin tentou demonstrar o mesmo entusiasmo, mas não pôde deixar de olhar de soslaio para ele. A brandura em seus olhos e a *nostalgia* o surpreenderam. No pouco tempo que o conhecia, Robin nunca tinha visto o professor Lovell expressar tanta afeição por nada.

As aulas de Robin começaram no dia seguinte.

Assim que terminaram o café da manhã, o professor Lovell instruiu o menino a se lavar e estar de volta no gabinete em dez minutos. Lá o aguardava um cavalheiro corpulento e sorridente chamado sr. Felton — nada menos que formado com louvor em Oxford, ex-aluno da Oriel College —, e, sim, ele ia se certificar de que o latim de Robin estivesse à altura de Oxford. O menino estava começando um pouco atrasado em comparação com seus colegas, mas, se estudasse com afinco, isso poderia ser facilmente remediado.

Assim teve início uma manhã de memorização de vocabulário básico — *agricola, terra, aqua* —, o que foi desafiador, mas pareceu fácil em comparação com as explicações atordoantes sobre declinações e conjugações que vieram em seguida. Robin nunca havia aprendido os fundamentos da gramática — ele sabia o que funcionava em inglês porque *soava* correto — e portanto, ao estudar latim, acabou aprendendo sobre as partes básicas da língua em si. Substantivo, verbo, sujeito, predicado, cópula; depois os casos nominativo, genitivo, acusativo... Absorveu uma quantidade desnordeante de material nas três horas seguintes e já havia esquecido metade quando a aula terminou, mas chegou ao fim dela com um profundo apreço pela língua e por todas as palavras que designavam o que era possível fazer com ela.

— Tudo bem, rapaz. — Por sorte, o sr. Felton era um sujeito paciente e parecia ter consciência da brutalidade mental a que submetera Robin. — Você vai se divertir muito mais depois que dermos conta do básico. Vai ver quando chegarmos a Cícero. — Ele deu uma olhada nas anotações de Robin. — Mas precisa ter mais cuidado com a ortografia.

Robin não conseguia identificar onde havia errado.

— Como assim?

— Você se esqueceu de quase todos os macros.\*

— Ah. — Robin reprimiu um grunhido de impaciência; estava morrendo de fome e só queria acabar logo com aquilo para poder almoçar. — Isso.

O sr. Felton deu batidinhas na mesa com os nós dos dedos.

— Até mesmo a duração de uma única vogal importa, Robin Swift. Veja a Bíblia. O texto original em hebraico não especifica que tipo de fruto proibido a serpente convence Eva a comer. Mas em latim *malum* significa “ruim” e *mālum* — ele escreveu as palavras para Robin, enfatizando o macro — significa “maçã”. Daí a culpar a maçã pelo pecado original foi um pulo. Mas, até onde sabemos, o verdadeiro culpado pode ter sido um caqui.

O sr. Felton foi embora na hora do almoço, depois de dar a ele uma lista de quase cem palavras para memorizar até a manhã seguinte. Robin comeu sozinho na sala de estar, enfiando mecanicamente pedaços de presunto e batata na boca enquanto olhava para a gramática sem entender nada.

— Mais batatas, querido? — ofereceu a sra. Piper.

— Não, obrigado.

A comida pesada, combinada com a fonte minúscula de suas leituras, estavam deixando o menino sonolento. Sua cabeça latejava; o que ele realmente desejava naquele momento era tirar um longo cochilo.

Mas não houve trégua. Às duas em ponto, um cavalheiro magro, de bigodes grisalhos, que se apresentou como sr. Chester, chegou à casa e, durante as três horas seguintes, introduziu Robin ao grego antigo.

Aprender grego era um exercício que consistia em tornar o familiar estranho. O alfabeto grego tinha uma relação direta com o alfabeto romano, mas apenas em parte, e muitas vezes as letras não soavam como pareciam: um rô (P) não era um *P*, e um eta (H) não era um *H*. Assim como o latim, o grego fazia uso de conjugações e declinações, mas havia muito mais vozes, tempos e modos verbais aos quais atentar. O inventário de sons parecia mais distante do inglês do que os do latim, e Robin tinha que se esforçar o tempo todo para

---

\* Traço horizontal colocado sobre uma vogal para indicar que é longa. (N.E.)

que os tons do grego não soassem como os do chinês. O sr. Chester era mais duro que o sr. Felton, e ficava mal-humorado e irritado quando o menino se atrapalhava com as terminações verbais. No fim da tarde, Robin estava tão perdido que a única coisa que conseguia fazer era repetir os sons que o homem proferia irritado.

O sr. Chester foi embora às cinco, depois de também mandar que Robin lesse uma montanha de coisas que o faziam estremecer só de olhar para elas. Ele levou os textos para o quarto, depois desceu para o jantar aos tropeços, a cabeça ainda girando.

— Como foram as aulas? — perguntou o professor Lovell.

Robin hesitou.

— Bem.

A boca do professor Lovell se curvou em um sorriso.

— É um pouco demais, não é?

Robin suspirou.

— Só um pouco, senhor.

— Mas essa é a beleza de aprender um novo idioma. É para parecer uma empreitada de grandes proporções. É para intimidar. Isso faz com que você passe a apreciar a complexidade dos idiomas que já conhece.

— Mas não entendo por que eles precisam ser *tão* complicados — disse Robin com uma súbita veemência. Não conseguiu evitar; a frustração vinha se acumulando desde o meio-dia. — Quer dizer, por que tantas regras? Por que tantas *terminações*? No chinês não tem nada disso; não temos tempos, nem declinações, nem conjugações. O chinês é muito mais simples...

— Aí é que você se engana — respondeu o professor Lovell. — Cada língua é complexa à sua maneira. O latim apenas reflete sua complexidade na formação das palavras. Sua riqueza morfológica é um trunfo, não um obstáculo. Considere a frase *Ele vai aprender. Tā huì xué*. Três palavras em ambas as línguas. Em latim, basta uma. *Disce*. Muito mais elegante, concorda?

Robin não tinha certeza se concordava.

Essa rotina — latim pela manhã, grego à tarde — se tornou a vida de Robin. Ele ficou grato por isso, apesar do esforço que exigia. Finalmente, seus dias tinham alguma estrutura. Sentia-se menos desenraizado e confuso — tinha um propósito, um lugar e, embora ainda não conseguisse entender por que aquela vida coubera justamente a *ele*, dentre todos os garotos das docas de Cantão, dedicava-se a suas obrigações com determinação e sem se queixar.

Duas vezes por semana, praticava conversação com o professor Lovell em mandarim.\* No início, não entendia o objetivo dessas aulas. Os diálogos pareciam artificiais, empolados e, sobretudo, desnecessários. Robin já era fluente; não hesitava no que dizia respeito ao vocabulário ou à pronúncia, como acontecia quando ele e o sr. Felton conversavam em latim. Por que tinha que dizer coisas tão básicas quanto o que havia achado do jantar ou sua opinião a respeito do clima?

Mas o professor Lovell permanecia irredutível.

— Línguas são mais fáceis de esquecer do que você imagina — afirmou ele. — Assim que deixa de viver no mundo dos falantes de chinês, você para de pensar em chinês.

— Mas achei que o senhor queria que eu começasse a pensar em inglês — disse Robin, confuso.

— Eu quero que você *viva* em inglês — explicou o professor Lovell. — Isso é verdade. Mas ainda preciso que pratique seu chinês. Palavras e frases que você acha que estão gravadas na sua alma podem desaparecer em um piscar de olhos.

Ele falava como se isso já tivesse acontecido antes.

— Você cresceu com bases sólidas em mandarim, cantonês e inglês. Tem muita sorte; há adultos que passam a vida inteira tentando conseguir o que você já tem. E mesmo quando conseguem, atingem apenas uma fluência aceitável, o suficiente para se virarem, pensando muito e se esforçando para se lembrarem do vocabulário antes de falar, mas nada que chegue perto da fluência de um nativo, para quem as palavras vêm espontaneamente, sem demora ou esforço. Você, por outro lado, já domina as partes mais difíceis de dois sistemas linguísticos: a pronúncia e o ritmo, essas sutilezas inconscientes que os adultos levam uma eternidade para aprender e, mesmo assim, não aprendem de todo. Mas precisa *mantê-los*. Não pode desperdiçar seus dons naturais.

---

\* Como a família de Robin migrara para o sul havia pouco tempo, ele crescera falando tanto mandarim quanto cantonês. Mas o cantonês, informou-lhe o professor Lovell, agora podia ser esquecido. O mandarim era a língua da corte imperial Qing em Pequim, a língua das autoridades e dos eruditos e, portanto, o único dialeto que importava.

Essa maneira de encarar as coisas era um efeito colateral da dependência da Academia Britânica das escassas pesquisas ocidentais anteriores. O dicionário português-chinês de Matteo Ricci tinha como base o dialeto mandarim que ele havia aprendido na corte Ming; os dicionários de chinês de Francisco Varo, Joseph Prémare e Robert Morrison também eram do mandarim. Os sinólogos britânicos dessa época, portanto, estavam muito mais focados no mandarim do que em outros dialetos. E assim Robin foi instado a esquecer sua língua nativa preferida.

— Mas eu não entendo — disse Robin. — Se meus talentos estão no chinês, então para que preciso de latim e grego?

O professor Lovell riu.

— Para entender o inglês.

— Mas eu sei inglês.

— Não tão bem quanto pensa. Muitas pessoas falam inglês, mas poucas realmente *conhecem* a língua, suas raízes e estruturas. E você precisa conhecer a história, a forma e os meandros de um idioma, sobretudo se planeja manipulá-lo, como um dia vai aprender a fazer. E vai precisar ter esse domínio do chinês também. Isso começa com a prática do que você já sabe.

O professor Lovell estava certo. Robin descobriu que era surpreendentemente fácil esquecer uma língua que antes parecia tão familiar quanto sua própria pele. Em Londres, sem nenhum outro chinês à vista, pelo menos não nos círculos londrinos em que vivia, sua língua materna soava como um balbuciar sem sentido. Falada naquele gabinete, o mais genuinamente inglês dos espaços, parecia ainda mais estranha, algo inventado. E ele às vezes se assustava ao perceber com que frequência sua memória falhava, que as sílabas em meio às quais havia crescido podiam de repente soar tão pouco familiares.

Ele se dedicava duas vezes mais ao chinês do que ao grego e ao latim. Durante várias horas por dia, praticava a escrita dos caracteres, aperfeiçoando cada traço até produzir uma réplica perfeita dos caracteres impressos. Vasculhava a memória para recordar como eram as conversas em chinês, como o mandarim soava quando saía naturalmente de sua boca, quando não precisava parar para lembrar os tons das palavras que ia pronunciar em seguida.

Mas *estava* esquecendo. E isso o aterrorizava. Às vezes, durante as práticas de conversação, ele se via incapaz de lembrar palavras que costumava usar o tempo todo. E às vezes soava, aos próprios ouvidos, como um marinheiro europeu imitando um chinês sem saber o que dizia.

Podia corrigir isso, no entanto. E assim faria. Por meio da prática, da memorização e de redações diárias — não era o mesmo que viver e respirar mandarim, mas era o suficiente. Estava em uma idade em que a língua já havia deixado uma marca indelével em sua mente. Mas tinha que tentar, realmente tentar se certificar de que não parasse de sonhar em sua língua nativa.

Pelo menos três vezes por semana, o professor Lovell recebia uma variedade de convidados em sua sala de estar. Robin supunha que também deviam ser acadêmicos, pois muitas vezes chegavam trazendo pilhas de livros ou manuscritos encadernados, sobre os quais se debruçavam, discutindo-os até



altas horas da noite. Vários desses homens, ao que parecia, falavam chinês, e o menino às vezes ficava escondido junto ao corrimão da escada, escutando o som de veras estranho de ingleses debatendo minúcias da gramática do chinês clássico durante o chá da tarde.

— É só uma partícula final — insistia um deles.

Os outros protestavam:

— Bem, não dá para *todas* serem partículas finais.

O professor Lovell parecia preferir que Robin se mantivesse fora de vista quando tinha companhia. Ele nunca proibiu explicitamente a presença do garoto, mas fazia questão de comentar que o sr. Woodbridge e o sr. Ratcliffe chegariam para uma visita às oito, o que Robin interpretava como um sinal de que não deveria ficar por perto.

Robin não via nenhum problema nesse arranjo. É verdade que achava as conversas fascinantes — com frequência, falavam de coisas longínquas, como expedições às Índias Ocidentais, negociação de algodão estampado na Índia e distúrbios violentos por todo o Oriente Próximo. Como grupo, no entanto, eram assustadores; uma procissão de homens solenes e eruditos, todos vestidos de preto como um bando de corvos, um mais intimidante que o outro.

A única vez que se intrometeu em uma dessas reuniões, foi por acidente. Estava no jardim, fazendo sua caminhada diária, recomendada pelo médico, quando ouviu o professor e seus convidados discutindo em voz alta sobre Cantão.

— Napier é um idiota — dizia o professor Lovell. — Ele está mostrando as cartas cedo demais, sem nenhuma sutileza. O Parlamento não está pronto e, além disso, ele está irritando os *compradores*.\*

— Você acha que os membros do Partido Conservador vão querer intervir em algum momento? — perguntou um homem com uma voz muito grave.

— Talvez. Mas eles vão precisar de um controle maior sobre Cantão se quiserem entrar com navios.

Nesse momento, Robin não conseguiu mais se conter e entrou na sala de estar.

— O que está acontecendo em Cantão?

Todos os cavalheiros se voltaram para ele ao mesmo tempo. Havia quatro, todos muito altos, e todos usando óculos ou monóculo.

---

\* No período colonial (no século XIX), o termo *comprador*, derivado do latim *comparāre*, designava um nativo, representante autorizado de uma empresa estrangeira, que servia de intermediário em transações financeiras e comerciais entre europeus e nativos do Sudeste Asiático, em particular em entrepostos comerciais portugueses como Macau e Cantão, na China. (N. T.)

— O que está acontecendo em Cantão? — perguntou Robin outra vez, subitamente nervoso.

— Cale-se — ordenou o professor Lovell. — Robin, seus sapatos estão imundos, está espalhando lama por toda parte. Tire-os e vá tomar um banho.

Robin insistiu.

— O rei Jorge vai declarar guerra a Cantão?

— Ele não pode declarar guerra a Cantão, Robin. Ninguém declara guerra a uma cidade.

— Então o rei Jorge vai invadir a China? — prosseguiu ele.

Por alguma razão, isso fez os cavalheiros rirem.

— Quem dera pudéssemos fazer isso — disse o homem com a voz grave. — Tornaria todo esse negócio muito mais fácil, não acha?

Um homem com uma grande barba grisalha olhou para Robin.

— E a quem você juraria lealdade? A nós ou a seu país?

— Minha nossa! — exclamou o quarto homem, cujos olhos azul-claros Robin achava enervantes. Ele se curvou para inspecionar o garoto, como se estivesse olhando através de uma enorme lupa invisível. — Esse é o novo? Ele é ainda mais parecido com você do que o anterior...

A voz do professor Lovell cortou a sala como vidro.

— Hayward.

— Realmente, é *extraordinário*, quer dizer, vejam só os olhos dele. Não a cor, mas a *forma*...

— *Hayward*.

Robin olhava de um para o outro, desorientado.

— Já chega — disse o professor Lovell. — Robin, *saia*.

O menino murmurou um pedido de desculpas e subiu correndo as escadas, esquecendo-se das botas enlameadas. Por cima do ombro, ouviu fragmentos da resposta do professor Lovell.

— Ele não sabe, e não quero que comece a desconfiar... Não, Hayward, eu não vou...

Mas, quando chegou à segurança do patamar, onde poderia se debruçar sobre o corrimão e ouvir sem ser visto, eles já haviam mudado de assunto e falavam do Afeganistão.

Naquela noite, Robin ficou parado diante do espelho, olhando fixamente para o próprio rosto por tanto tempo que no fim das contas parecia estar encarando o semblante de um estranho.

Suas tias gostavam de dizer que ele tinha o tipo de rosto que passaria despercebido em qualquer lugar — o cabelo e os olhos, ambos de um tom castanho mais claro do que o preto do restante da família, poderiam caracterizá-lo de maneira plausível tanto como o filho de um marinheiro português quanto como o herdeiro do imperador da dinastia Qing. Mas Robin sempre tinha atribuído isso a algum arranjo acidental da natureza que lhe atribuíra características que poderiam pertencer ao espectro caucasiano ou oriental.

Nunca havia imaginado que poderia não ser apenas chinês.

Mas qual seria a alternativa? Seu pai era branco? Seu pai era...

*Vejam só os olhos dele.*

Isso era uma prova incontestável, não era?

Então por que o pai não reconhecia Robin como filho? Por que ele era apenas um pupilo sob tutela, e não um filho?

No entanto, mesmo naquela época, Robin já tinha idade suficiente para entender que havia algumas verdades que não podiam ser ditas, que prosseguir com a vida normalmente só seria possível se elas nunca fossem confessadas. Ele tinha um teto sobre a cabeça, três refeições garantidas por dia e acesso a mais livros do que poderia ler em toda a vida. Sabia que não tinha o direito de exigir mais nada.

O menino, então, tomou uma decisão. Nunca questionaria o professor Lovell, nunca sondaria o vazio onde jazia a verdade. Enquanto o professor não o aceitasse como filho, ele não ia tentar reivindicá-lo como pai. Uma mentira não era uma mentira se nunca tivesse sido proferida; perguntas que nunca tinham sido feitas não precisavam de resposta. Ambos continuariam perfeitamente satisfeitos em permanecer no espaço liminar e infinito entre a verdade e a negação.

Robin se secou, se vestiu e se sentou à escrivaninha para terminar o exercício de tradução da noite. Ele e o sr. Felton haviam passado para o *Agricola*, de Tácito.

*Aufferre trucidare rapere falsis nominibus imperium atque ubi solitudinem faciunt pacem appellant.*

Robin analisou a frase, consultou o dicionário para verificar se *aufferre* significava o que ele achava que significava, em seguida escreveu sua tradução.\*

\* \* \*

---

\* “Pilhagem, carnificina e usurpação — eles chamam essas coisas de império, e onde criam desolação a chamam de paz.”

Quando o trimestre de aulas do outono teve início,\* no começo de outubro, o professor Lovell partiu para Oxford, onde passaria as oito semanas seguintes. Faria isso durante cada um dos três períodos acadêmicos de Oxford, voltando para casa apenas nos recessos. Robin apreciava esses períodos; mesmo que suas aulas não fossem interrompidas, era possível respirar e relaxar sem correr o risco de desapontar seu tutor a cada passo.

Isso também significava que, sem o professor Lovell monitorando de perto todos os seus movimentos, ele ficava livre para explorar a cidade.

O professor não lhe dava uma mesada, mas de tempos em tempos a sra. Piper deixava que Robin ficasse com alguns trocados para a passagem, que ele economizava até conseguir pagar uma carruagem que o levasse a Covent Garden. Quando ficou sabendo, por intermédio de um garoto que vendia jornais, sobre o serviço de ônibus puxados por cavalos, passou a tomá-los quase todo fim de semana, cruzando o coração de Londres de Paddington Green até Bank. Suas primeiras incursões sozinho o deixaram apavorado; várias vezes se convenceu de que nunca mais encontraria o caminho de volta para Hampstead e ficaria condenado a passar o resto da vida perambulando pelas ruas como uma criança abandonada. Mas persistiu. Recusava-se a se deixar intimidar pela complexidade de Londres; afinal de contas, Cantão também não era um labirinto? Estava determinado a tornar aquela cidade sua casa, percorrendo cada centímetro dela. Pouco a pouco, a cidade deixou de parecer tão opressiva, um intrincado e ruidoso covil de monstros que poderiam engoli-lo a cada esquina, e passou a se parecer mais com um labirinto navegável cujas armadilhas e curvas ele era capaz de prever.

Ele lia a cidade. A Londres da década de 1830 estava tomada por publicações. Jornais, revistas, diários, publicações trimestrais, semanais, mensais e livros de todos os gêneros saltavam das prateleiras, eram atirados nas soleiras das portas e vendidos nas esquinas de quase todas as ruas. Lia atentamente exemplares do *The Times*, do *Standard* e do *Morning Post*; lia, embora não compreendesse de todo, artigos em revistas acadêmicas como *Edinburgh Review* e *Quarterly Review*; lia jornais satíricos baratos como *Figaro in London*, pseudonotícias melodramáticas em reportagens vívidas sobre crimes e uma série com as derradeiras confissões de prisioneiros condenados. No âmbito das coisas mais populares, divertia-se com o *Bawbee Bagpipe*. Deparou-se com uma série chamada *The Pickwick Papers*, de um autor chamado Charles Dickens, que era muito engraçado, mas parecia detestar qualquer pessoa que

---

\* No original, *Michaelmas Term*. Nome dado ao primeiro período letivo de Oxford, que começa em outubro e termina em dezembro. O ano letivo é composto por três períodos. (N. E.)

não fosse branca. Descobriu a Fleet Street, o coração da indústria editorial de Londres, onde os jornais saíam ainda quentes das máquinas de impressão. Voltou lá inúmeras vezes, levando para casa, de graça, pilhas de jornais do dia anterior que eram descartadas na esquina.

Não entendia metade do que lia, mesmo que conseguisse decifrar todas as palavras. Os textos eram repletos de alusões políticas, piadas internas, gírias e convenções que ele nunca havia aprendido. Em vez de uma infância absorvendo tudo aquilo em Londres, ele tentava devorar o corpus, tentava avançar a muito custo em meio a referências a coisas como tóris, *whigs*, cartistas e partidários da Reforma, e memorizar o que eram. Aprendeu o que eram as Corn Laws e como estavam relacionadas a um francês chamado Napoleão. Aprendeu quem eram os católicos e os protestantes, e como as pequenas (pelo menos era o que ele achava) diferenças doutrinárias entre ambos pareciam ser uma questão de grande e sangrenta importância. Aprendeu que ser inglês não era o mesmo que ser britânico, embora ainda tivesse dificuldade de articular a diferença entre um e outro.

Lia a cidade e aprendia sua língua. Novas palavras em inglês eram um jogo para ele, pois ao entender a palavra sempre acabava compreendendo algo sobre a história ou a própria cultura da Inglaterra. Deleitava-se quando palavras comuns eram, inesperadamente, formadas a partir de outras palavras que ele conhecia. *Hussy*, corruptela de *housewife* [dona de casa], era uma combinação de *house* [casa] e *wife* [esposa]. *Holiday* [feriado] era uma combinação de *holy* [sagrado] e *day* [dia]. *Bedlam* [manicômio] derivava, de maneira implausível, de *Bethlehem* [Belém].\* *Goodbye* [adeus] era, incrivelmente, uma versão abreviada de *God be with you* [Deus esteja com você]. No East End londrino, descobriu as gírias rimadas do dialeto *cockney*, que de início constituíram um grande mistério, pois ele não fazia ideia de como *Hampstead* poderia significar *teeth* [dentes]\*\* Mas quando aprendeu sobre o componente omitido da rima, passou a se divertir criando as suas próprias. (A sra. Piper não gostou muito quando ele começou a se referir ao jantar como a “refeição dos santos”.)\*\*\*

Muito depois de ter aprendido o significado correto de palavras e expressões que antes o deixavam confuso, sua mente ainda formava associações

---

\* Trata-se do Bethlem Royal Hospital, também conhecido como St. Mary Bethlehem, Bethlehem Hospital e Bedlam, hospital psiquiátrico localizado em Londres. A palavra *bedlam* é derivada, assim, do nome do hospital. (N. T.)

\*\* *Hampstead Heath* rima com *teeth*. Um exemplo: “*She’s still got all her baby hampsteads*” [Ela ainda tem todos os dentes de leite].

\*\*\* *Dinner, sinner* [jantar, pecador].

curiosas em torno delas. Imaginava o gabinete ministerial [*cabinet*] como uma série de enormes prateleiras onde homens em trajes extravagantes ficavam dispostos como bonecos. Achava que os *whigs* tinham esse nome por causa das perucas [*wigs*], e os tóris por causa da jovem princesa Victoria. Imaginava que Marylebone fosse composto de mármore [*marble*] e osso [*bone*], que Belgravia fosse uma terra de sinos [*bells*] e túmulos [*graves*], e que Chelsea tinha esse nome por causa de conchas [*shells*] e do mar [*sea*]. O professor Lovell dispunha de uma prateleira repleta de obras de Alexander Pope em sua biblioteca e, durante um ano inteiro, Robin pensou que *The Rape of the Lock* [O roubo da madeixa] fosse sobre fornicação com uma fechadura em vez do furto de uma mecha de cabelo.\*

Aprendeu que uma libra equivalia a vinte xelins, e um xelim equivalia a doze *pence* — a clareza em relação a florins, *groats* e *farthings* teria que vir com o tempo. Aprendeu que havia muitos tipos de britânicos, assim como havia muitos tipos de chineses, e que ser irlandês ou galês era diferente de ser inglês em aspectos fundamentais. Aprendeu que a sra. Piper era de um lugar chamado Escócia, o que fazia dela escocesa e também explicava por que seu sotaque, cadenciado e rótico, soava tão diferente das entonações duras e diretas do professor Lovell.

Aprendeu que a Londres de 1830 era uma cidade que não conseguia decidir o que queria ser. A Cidade de Prata era o maior centro financeiro do mundo, na vanguarda da indústria e da tecnologia. Mas seus lucros não eram divididos de maneira igualitária. Londres era ao mesmo tempo uma cidade de peças teatrais em Covent Garden e bailes em Mayfair e de áreas pobres apinhadas nos arredores de St Giles. Uma cidade de partidários da Reforma, um lugar onde homens como William Wilberforce e Robert Wedderburn haviam defendido a abolição da escravidão; onde os levantes de Spa Fields haviam terminado com os líderes acusados de alta traição; onde os owenistas tinham tentado fazer com que todos aderissem a suas comunidades socialistas utópicas (ele ainda não sabia muito bem o que era o socialismo); e onde *Reivindicação dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft, publicado apenas quarenta anos antes, inspirara ondas de feministas e sufragistas ruidosas e impetuosas. Descobriu que no Parlamento, nas câmaras municipais e nas ruas, partidários da Reforma de todos os matizes lutavam pela alma de Londres, enquanto uma classe dominante, conservadora e proprietária de terras combatia essas tentativas de mudança a todo momento.

---

\* Um equívoco compreensível. Com *rape*, Pope quis dizer “pegar, tomar à força”, que é um significado mais antigo, derivado do latim *rapere*.

Não entendia essas disputas políticas, não naquela época. Sentia apenas que Londres e a Inglaterra como um todo estavam muito divididas a respeito do que eram e do que desejavam ser. E compreendeu que a prata estava por trás de tudo. Pois quando os radicais escreviam sobre os perigos da industrialização, e os conservadores refutavam isso com provas da economia em expansão; quando algum dos partidos políticos falava sobre bairros pobres, moradia, estradas, transporte, agricultura e indústria; quando alguém falava sobre a Grã-Bretanha e o futuro do Império, a palavra estava sempre lá, em jornais, panfletos, revistas e até nos livros de orações: *prata, prata, prata*.

Com a sra. Piper, aprendeu mais do que imaginava ser possível sobre a culinária inglesa e a Inglaterra. A adaptação ao novo paladar levou algum tempo. Robin nunca havia pensado muito a respeito da comida quando morava em Cantão — a papa de arroz, os pãezinhos cozidos no vapor, as guiozas e os pratos de vegetais que compunham suas refeições diárias pareciam corriqueiros para ele. Eram a base da dieta de uma família pobre, algo muito distante da alta culinária chinesa. Agora, ficava surpreso com o quanto sentia falta dessas coisas. Os ingleses faziam uso regular de apenas dois sabores — salgado e não salgado — e não pareciam reconhecer nenhum dos outros. Para um país que lucrava tanto com o comércio de especiarias, seus cidadãos tinham verdadeira aversão a usá-las de fato; durante todo o tempo que passou em Hampstead, nunca provou um prato que pudesse ser adequadamente descrito como “temperado”, muito menos “condimentado”.

Tinha mais prazer em aprender sobre a comida do que em saboreá-la. E esse aprendizado se deu de maneira espontânea — a adorável sra. Piper era do tipo tagarela, e ficava feliz em lhe dar uma aula enquanto servia o almoço se o menino demonstrasse o menor interesse pelo que havia no prato. Ele aprendeu que batatas, que achava muito saborosas não importava a forma como fossem preparadas, não deviam ser servidas ao receber pessoas importantes, pois eram consideradas um alimento inferior. Descobriu que as travessas reforçadas com prata, recém-inventadas, eram usadas para manter a comida quente durante uma refeição, mas que era deselegante revelar esse artifício aos convidados, de forma que as barras eram sempre embutidas no fundo das travessas. Aprendeu que a prática de servir comida em uma sucessão de pratos fora adotada dos franceses, e que a razão para ainda não ser uma norma universal era o ressentimento persistente em relação ao homenzinho chamado Napoleão. Aprendeu, embora não tivesse compreendido

muito bem, as sutis distinções entre *lunch*, *luncheon* e *noon dinner*.<sup>\*</sup> Aprendeu que devia agradecer aos católicos romanos pelos *cheesecakes* de amêndoas de que tanto gostava, pois a proibição de consumir laticínios nos dias de jejum havia forçado os cozinheiros ingleses a inovar com leite de amêndoa.

Uma noite, a sra. Piper surgiu com um pão no formato de um disco grosso e achatado: uma espécie de massa assada que havia sido cortada em fatias triangulares. Robin pegou uma das fatias e deu uma mordida para experimentar. Era denso e farinhento, muito mais denso do que os pãezinhos brancos e fofos que sua mãe costumava cozinhar no vapor toda semana. Não era ruim, apenas surpreendentemente pesado. Robin tomou um longo gole de água para ajudar o bolo alimentar a descer, em seguida perguntou:

— O que é isso?

— Isso é um *bannock*, querido — respondeu a sra. Piper.

— Um *scone* — corrigiu-a o professor Lovell.

— Na verdade é um *bannock*...

— Os *scones* são os pedaços — explicou o professor Lovell. — *Bannock* é o bolo inteiro.

— Escute aqui, isso é um *bannock*, e todos os pedaços são *bannocks* também. *Scones* são aquelas coisas secas e farelentas que vocês ingleses adoram enfiar na boca...

— Imagino que esteja deixando de fora seus próprios *scones*, sra. Piper. Ninguém em sã consciência diria que eles são secos.

A sra. Piper não se deixou abalar pela adulação.

— É um *bannock*. Os pedaços são *bannocks*. Minha avó os chamava de *bannocks*, minha mãe os chamava de *bannocks*, então *bannocks* é o que eles são.

— Por que... Por que se chamam *bannocks*? — perguntou Robin.

O som da palavra o fazia imaginar um monstro das colinas, uma criatura cartilaginosa e com garras, que não ficava satisfeita a menos que recebesse um sacrifício na forma de pão.

— Por causa do latim — respondeu o professor Lovell. — *Bannock* vem de *panicum*, que significa “pão assado”.

Parecia plausível, embora fosse decepcionantemente banal. Robin deu outra mordida no *bannock*, ou *scone*, e dessa vez apreciou a maneira compacta e satisfatória com que se acomodou em seu estômago.

---

<sup>\*</sup> Todas palavras usadas para se referir à refeição que costuma ser feita no início da tarde, ou seja, o almoço. *Lunch* é uma refeição menos formal, ao passo que *luncheon* é um almoço mais formal. O *noon dinner* é a principal refeição do dia (*dinner*) feita por volta do meio-dia (*noon*). (N. T.)



Ele e a sra. Piper logo descobriram que compartilhavam um profundo amor por *scones*. Ela os preparava de diversas maneiras: simples, servidos com um pouco de *clotted cream* e geleia de framboesa; salgados e cravejados de queijo e cebolinha; ou com pedaços de frutas secas misturados à massa. Robin os preferia sem nada — por que arruinar o que lhe parecia perfeito em sua concepção? Tinha acabado de aprender sobre as formas platônicas e estava convencido de que os *scones* eram o ideal platônico de pão. E o *clotted cream* da sra. Piper era maravilhoso, leve, com sabor de nozes e refrescante ao mesmo tempo. Em algumas casas, o leite era fervido por quase um dia inteiro a fim de obter a camada de creme que se formava por cima, ela contou a Robin, mas no último Natal o professor Lovell havia levado para ela uma engenhoca de prata que separava o creme em segundos.

Os *scones* simples eram os de que o professor Lovell menos gostava, de forma que havia sempre *scones* com passas brancas no chá da tarde.

— Por que em inglês elas se chamam *sultanas*? — perguntou Robin. — São apenas passas, não são?

— Não tenho certeza, querido — disse a sra. Piper. — Talvez seja por causa do lugar de onde vêm. *Sultana* soa bastante oriental, não acha? Richard, onde elas são cultivadas? Na Índia?

— Na Ásia Menor — respondeu o professor Lovell. — E são *sultanas*, no feminino, porque não têm sementes.

A sra. Piper piscou para Robin.

— Bem, aí está. Tudo por causa das sementes.

Robin não entendeu a piada, mas sabia que não gostava de passas em seus *scones*; quando o professor Lovell não estava olhando, ele catava as passas, cobria o *scone* espoliado com *clotted cream* e o enfiava na boca.

Além dos *scones*, a outra grande fonte de prazer para Robin eram os romances. As duas dúzias de volumes que recebia todos os anos em Cantão haviam sido um gotejamento escasso. Agora tinha acesso a uma verdadeira torrente. Nunca ficava sem um livro, mas tinha que ser criativo para espremer as leituras de lazer em sua rotina — lia à mesa, enquanto engolia as refeições preparadas pela sra. Piper sem pensar duas vezes no que estava enfiando na boca; lia enquanto caminhava no jardim, embora isso o deixasse tonto; havia tentado até mesmo ler durante o banho, mas as impressões dos dedos molhados e enrugados que havia deixado em um exemplar novo de *Coronel Jack*, de Defoe, o envergonharam o suficiente para fazer com que desistisse dessa ideia.

Gostava de romances mais do que de qualquer outra coisa. Os folhetins de Dickens eram bons e divertidos, mas era muito prazeroso sentir o peso de uma história inteira e acabada nas mãos. Lia qualquer gênero ao qual tivesse acesso. Apreciava toda a obra de Jane Austen, embora fosse preciso consultar diversas vezes a sra. Piper para entender as convenções sociais descritas pela autora. (Onde ficava Antígua? E por que sir Thomas Bertram estava sempre viajando para lá?)\* Devorou a literatura de viagem de Thomas Hope e James Morier, por intermédio dos quais conheceu gregos e persas, ou pelo menos uma versão fantasiosa deles. Gostou muito de *Frankenstein*, de Mary Shelley, embora não pudesse dizer o mesmo dos poemas de seu marido menos talentoso, que considerava excessivamente dramático.

Ao retornar de Oxford depois daquele primeiro período letivo, o professor Lovell levou Robin a uma livraria: a Hatchards, em Picadilly, bem em frente à Fortnum & Mason. Robin ficou parado diante da entrada pintada de verde, boquiaberto. Havia passado por livrarias muitas vezes durante seus passeios pela cidade, mas nunca imaginara que poderia entrar em uma. Havia de alguma forma concebido a ideia de que livrarias eram lugares frequentados apenas por adultos ricos e de que seria arrastado para fora pela orelha se ousasse entrar.

O professor Lovell sorriu ao ver Robin hesitando diante da porta.

— E este é apenas um estabelecimento comercial para o público comum — disse ele. — Espere até ver a biblioteca de uma faculdade.

Lá dentro, o aroma inebriante de serragem dos livros recém-impresos era avassalador. Se o tabaco tivesse um cheiro como aquele, pensou Robin, fumaria todos os dias. Ele deu um passo em direção à prateleira mais próxima, a mão timidamente levantada na direção dos livros expostos, temeroso demais para tocá-los — pareciam tão novos e revigorantes; as lombadas ainda não vincadas, as páginas lisas e sem marcas. Robin estava acostumado a tomos surrados e danificados pela umidade; até mesmo suas gramáticas de línguas clássicas tinham décadas de uso. Aqueles exemplares lustrosos e recém-encadernados pareciam uma classe diferente de objetos, coisas para serem admiradas a distância em vez de manuseadas e lidas.

— Escolha um — disse o professor Lovell. — Você precisa experimentar a sensação de adquirir seu primeiro livro.

Escolher *um*? Apenas um, dentre todos aqueles tesouros? Robin mal conseguia distinguir um título do outro e estava deslumbrado demais com a

---

\* Porque ele era proprietário de escravizados.

enorme quantidade de textos para folheá-los e decidir. Seus olhos pousaram em um título: *The King's Own* [Propriedade do rei], de Frederick Marryat, um autor que ele ainda não conhecia. Mas o novo, pensou, era bom.

— Hum. Marryat. Nunca li nada dele, mas me disseram que é popular entre os garotos da sua idade. — O professor Lovell virou o livro nas mãos. — Este, então? Tem certeza?

Robin assentiu. Sabia que se não se decidisse naquele momento, nunca sairia dali. Era como um homem faminto em uma confeitaria, desnorteadado com as opções, mas não queria testar a paciência do professor.

Do lado de fora, o professor entregou a ele o pacote em papel de embrulho. Robin o apertou contra o peito, controlando-se para não rasgá-lo antes de chegarem em casa. Agradeceu ao professor Lovell profusamente, parando apenas quando percebeu que isso o estava deixando um tanto desconfortável. Mas então o professor perguntou se era boa a sensação de segurar o novo livro nas mãos. Robin respondeu que sim com entusiasmo, e, pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, sorriram um para o outro.

Robin tinha planejado deixar *The King's Own* para ler no fim de semana, quando teria uma tarde inteira sem aulas e poderia saborear lentamente as páginas. Mas quando a tarde de quinta-feira chegou, ele se deu conta de que não conseguia mais esperar. Depois que o sr. Felton foi embora, devorou o prato de pão e queijo que a sra. Piper havia servido e subiu correndo para a biblioteca, onde se aconchegou em sua poltrona favorita e começou a ler.

Ficou imediatamente encantado. *The King's Own* era uma narrativa de proezas navais; de vingança, ousadia e luta; de batalhas navais e viagens para lugares longínquos. Sua mente flutuou para a própria viagem que fizera de Cantão a Londres, e ele reenquadrava aquelas lembranças no contexto do romance, imaginou-se lutando contra piratas, construindo jangadas, ganhando medalhas por coragem e bravura...

A porta se abriu.

— O que você está fazendo? — perguntou o professor Lovell.

Robin olhou para cima. A imagem mental do navio da Marinha Real navegando em águas agitadas era tão vívida que ele levou um momento para lembrar onde estava.

— Robin — repetiu o professor Lovell —, *o que você está fazendo?*

De repente, a biblioteca pareceu muito fria; a tarde dourada escureceu. Robin seguiu o olhar do professor Lovell até o relógio acima da porta. Ti-

nha perdido completamente a noção do tempo. Mas aqueles ponteiros não podiam estar certos, não podiam ter se passado *três horas* desde que havia se sentado para ler.

— Sinto muito — disse ele, ainda meio atordoado. Sentia-se como um viajante vindo de muito longe, arrancado do Oceano Índico e jogado naquela biblioteca escura e fria. — Eu não... Eu perdi a noção do tempo.

Não conseguiu decifrar a expressão do professor Lovell. Isso o assustou. Aquela muralha inescrutável, aquele vazio desumano, era infinitamente mais aterrorizante do que a fúria teria sido.

— O sr. Chester está lá embaixo há mais de uma hora — informou o professor Lovell. — Eu não o teria deixado esperando nem por dez minutos, mas acabei de chegar em casa.

As entranhas de Robin se contorceram de culpa.

— Sinto muito, senhor...

— O que você está lendo? — interrompeu o professor Lovell.

Robin hesitou por um momento, em seguida estendeu na direção dele o exemplar de *The King's Own*.\*

— O livro que comprou para mim, senhor... Eu estava no meio de uma grande batalha, só queria saber o que...

— Você acha que o assunto desse maldito livro tem alguma importância?

Nos anos seguintes, sempre que revisitava aquela lembrança, Robin ficava admirado com a insolência com que tinha agido em seguida. Devia estar tomado pelo pânico, porque sem dúvida foi despropositada, em retrospecto, a maneira como fechou o livro de Marryat e se dirigiu para a porta, como se pudesse simplesmente descer correndo para a aula, como se um erro daquela magnitude pudesse ser esquecido com facilidade.

Enquanto ele se aproximava da porta, o professor Lovell recolheu o punho fechado e em seguida golpeou com força a face esquerda de Robin.

A intensidade do soco o derrubou no chão. O garoto não registrou a dor tanto quanto o choque; a reverberação em suas têmporas não *doía*, não ainda — a dor viria depois, assim que vários segundos se passassem e o sangue começasse a fluir para sua cabeça.

---

\* Esse acabaria sendo o último título de Marryat que Robin leria. Melhor assim. Os romances de Frederick Marryat, embora repletos de aventuras e bravura em alto-mar, o que fazia com que fossem estimados pelos meninos ingleses, também retratavam os negros como escravizados felizes e satisfeitos, e os nativos americanos como nobres selvagens ou bêbados libertinos. Os chineses e indianos eram descritos como “raças inferiores e efeminados em pessoa”.

O professor Lovell não havia terminado. Quando o menino se ajoelhou, atordoado, ele pegou o atizador ao lado da lareira e golpeou em diagonal a lateral direita do torso de Robin. Em seguida, golpeou-o de novo. E de novo.

Robin teria ficado mais assustado se tivesse suspeitado da violência do professor Lovell, mas aquela surra foi tão inesperada, tão completamente fora do normal, que pareceu mais surreal do que qualquer outra coisa. Não lhe ocorreu implorar, chorar ou gritar. Nem mesmo quando o atizador estalou contra suas costelas pela oitava, nona, décima vez — nem mesmo quando sentiu o gosto do sangue nos dentes; a única coisa que sentiu foi uma profunda perplexidade por aquilo estar acontecendo. Parecia absurdo. Era como se estivesse dentro de um pesadelo.

O professor Lovell tampouco parecia um homem no auge de uma fúria tempestuosa. Ele não gritava; seus olhos não estavam desvairados; as bochechas nem sequer haviam ficado vermelhas. Parecia apenas, a cada golpe contundente e deliberado, estar tentando infligir o máximo de dor com o mínimo risco de lesão permanente, pois não bateu na cabeça de Robin, nem o golpeou com tanta força a ponto de fraturar suas costelas. Não; só produziu hematomas que poderiam ser facilmente escondidos e que, com o tempo, iam se curar por completo.

Ele sabia muito bem o que estava fazendo. Parecia já ter feito aquilo antes.

Depois de doze golpes, tudo cessou. Com a mesma compostura e precisão, o professor Lovell colocou o atizador de volta junto à lareira, deu um passo para trás e sentou-se à mesa, olhando para Robin em silêncio enquanto o menino se ajoelhava e se esforçava para limpar o sangue do rosto.

Depois de um longo silêncio, ele falou:

— Quando trouxe você de Cantão, deixei claras as minhas expectativas.

Um soluço finalmente se formara na garganta de Robin, uma reação emocional reprimida e protelada, mas ele o engoliu. Tinha pavor da reação do professor Lovell se fizesse algum ruído.

— Levante-se — ordenou o professor Lovell com frieza. — Sente-se.

Robin obedeceu de modo automático. Um de seus molares estava mole. Ele sondou o dente, estremecendo quando um fio de sangue fresco e salgado cobriu sua língua.

— Olhe para mim — disse o professor Lovell.

Robin obedeceu.

— Bem, eis uma coisa boa a seu respeito — prosseguiu o professor. — Quando apanha, você não chora.

Robin sentiu um formigamento no nariz. Lágrimas ameaçavam brotar, mas ele se esforçou para contê-las. Era como se um prego estivesse sendo enfiado em suas têmporas. Estava tão dominado pela dor que não conseguia respirar. Ainda assim, ao que parecia, o mais importante era não demonstrar nenhum sinal de sofrimento. Nunca tinha se sentido tão desolado na vida. Queria morrer.

— Não vou tolerar indolência sob o meu teto — disse o professor Lovell. — Traduzir não é uma tarefa fácil, Robin. Exige foco. Disciplina. Você já está em desvantagem por não ter estudado latim e grego desde cedo, e dispõe de apenas seis anos para compensar essa diferença antes de ir para Oxford. Não pode ser indolente. Não pode perder tempo com devaneios.

Ele suspirou.

— Eu esperava, com base nos relatos da srta. Slate, que você tivesse se tornado um garoto zeloso e aplicado. Vejo que me enganei — continuou. — Preguiça e dissimulação são traços comuns nos indivíduos do seu povo. É por isso que a China continua sendo um país indolente e atrasado enquanto seus vizinhos avançam em direção ao progresso. Por natureza, vocês são tolos, têm a mente fraca e são pouco inclinados ao trabalho árduo. Você tem que lutar contra essas características, Robin. Tem que aprender a superar a impureza de seu sangue. Eu apostei alto na sua capacidade de fazer isso. Prove-me que valeu a pena ou compre você mesmo sua passagem de volta para Cantão. — Ele inclinou a cabeça. — Quer voltar para Cantão?

Robin engoliu em seco.

— Não.

Estava sendo sincero. Mesmo depois daquilo, mesmo depois da tortura das aulas, não conseguia imaginar outro futuro para si mesmo. Cantão significava pobreza, insignificância e ignorância. Cantão significava a peste. Cantão significava não ter mais acesso a livros. Londres significava todos os confortos materiais que ele poderia desejar. Londres significava, um dia, ir para Oxford.

— Então decida-se agora, Robin. Dedique-se a alcançar a excelência nos seus estudos, faça os sacrifícios que isso exige e me prometa que nunca mais vai me envergonhar dessa maneira. Ou embarque no primeiro pacote de volta para casa. Vai voltar para as ruas, sem família, sem qualificação e sem dinheiro. Nunca mais vai ter o tipo de oportunidade que estou lhe oferecendo. Vai lhe restar apenas sonhar em ver Londres de novo, que dirá Oxford. Nunca, *jamaiz* vai tocar de novo uma barra de prata. — O professor Lovell se recostou na cadeira, observando Robin com olhos frios e perscrutadores. — Então. Escolha.

Robin sussurrou uma resposta.

— Mais alto. Em inglês.

— Perdão — disse Robin com a voz rouca. — Eu quero ficar.

— Ótimo. — O professor Lovell se levantou. — O sr. Chester está esperando lá embaixo. Recomponha-se e vá para sua aula.

De alguma forma, Robin conseguiu permanecer na aula até o fim, fungando, atordoado demais para se concentrar, um grande hematoma se formando no rosto enquanto o torso latejava por causa de uma dúzia de feridas invisíveis. Felizmente, o sr. Chester não disse uma palavra sobre o incidente. Robin recitou uma lista de conjugações e não acertou nenhuma. O sr. Chester o corrigiu pacientemente, em um tom agradável, embora forçado. O atraso não encurtou a aula — eles avançaram muito além da hora do jantar, e aquelas foram as três horas mais longas da vida de Robin.

Na manhã seguinte, o professor Lovell agiu como se nada tivesse acontecido. Quando Robin desceu para o café da manhã, o professor perguntou se ele havia terminado suas traduções. O menino respondeu que sim. A sra. Piper serviu ovos e presunto, e eles comeram em um silêncio um tanto inquieto. Doía mastigar e às vezes até engolir — o rosto de Robin inchara ainda mais durante a noite —, mas, quando ele engasgou, a sra. Piper se limitou a sugerir que o menino cortasse o presunto em pedaços menores. Os três beberam chá. A sra. Piper retirou os pratos, e Robin foi buscar os livros de latim antes que o sr. Felton chegasse.

Nunca ocorreu a Robin fugir, nem naquela ocasião, nem nenhuma vez sequer nas semanas que se seguiram. Outra criança talvez tivesse ficado amedrontada, talvez tivesse aproveitado a primeira oportunidade para escapar para as ruas de Londres. Outra criança, acostumada a um tratamento melhor e mais gentil, talvez tivesse compreendido que tamanha indiferença demonstrada por adultos como a sra. Piper, o sr. Felton e o sr. Chester diante de um menino de onze anos coberto de hematomas era algo terrivelmente errado. Mas Robin ficou tão grato por aquele retorno à estabilidade que não conseguia nem ao menos ficar magoado com o que havia acontecido.

Afinal de contas, aquilo nunca mais se repetiu. Robin fez de tudo para que não se repetisse. Passou os seis anos seguintes estudando até a exaustão. Com a ameaça da expatriação pairando constantemente sobre sua cabeça, dedicou a vida a se tornar o aluno que o professor Lovell desejava ver.

O grego e o latim foram ficando mais interessantes após o primeiro ano, depois que ele reuniu componentes essenciais de cada idioma suficientes para

construir fragmentos de significado por conta própria. Daí em diante, toda vez que se deparava com um texto novo, a tarefa se parecia menos com um tatear no escuro e mais com uma questão de preencher lacunas. Descobrir a formulação gramatical exata de uma frase com a qual vinha se frustrando lhe proporcionava o mesmo tipo de satisfação que obtinha ao colocar um livro de volta na estante ou encontrar um pé de meia perdido — todas as peças se encaixavam, e tudo ficava inteiro e completo.

Em latim, leu Cícero, Lívio, Virgílio, Horácio, César e Juvenal; em grego, Xenofonte, Homero, Lísias e Platão. Com o tempo, descobriu que era muito bom com idiomas. Tinha boa memória e um talento especial para tons e ritmo. Logo alcançou um nível de fluência em grego e latim que deixaria qualquer estudante de Oxford com inveja. Com o tempo, o professor Lovell parou de fazer comentários sobre sua propensão inata à indolência e, em vez disso, fazia um aceno de aprovação com a cabeça a cada atualização sobre o rápido progresso de Robin pelo cânone.

A história, por sua vez, marchava adiante. Em 1830, o rei Jorge IV tinha morrido e fora sucedido por seu irmão mais novo, Guilherme IV, o eterno conciliador que não agradava a ninguém. Em 1831, outra epidemia de cólera varreu Londres, deixando um rastro de trinta mil mortos. O maior impacto recaiu sobre os pobres e desamparados, aqueles que viviam em espaços apertados e não podiam escapar dos miasmas contaminados uns dos outros.\* A vizinhança de Hampstead, no entanto, permaneceu intocada — para o professor Lovell e seus amigos em suas propriedades remotas, protegidas por muros, a epidemia era algo que se mencionava de passagem, demonstrando consternação em solidariedade, e que se esquecia rapidamente.

Em 1833, houve um acontecimento importante: a escravidão foi abolida na Inglaterra e em suas colônias, substituída por um período de seis anos de transição para a liberdade. Entre os interlocutores do professor Lovell, essa notícia foi recebida com a ligeira decepção de uma partida de críquete perdida.

— Bem, isso arruinou as Índias Ocidentais para nós — reclamou o sr. Hallows. — Os abolicionistas com seu maldito moralismo. Ainda acredito que essa obsessão pela abolição seja resultado da necessidade dos britânicos de se sentirem ao menos culturalmente superiores agora que perderam a

---

\* Conforme os jornais semanais passaram a registrar um número crescente de mortes, Robin perguntou à sra. Piper por que os médicos não podiam simplesmente curar os doentes com a prata, como o professor Lovell havia feito com ele. “A prata é cara”, respondeu a sra. Piper, e foi a última vez que falaram sobre o assunto.



América. E com base em quê? Como se aqueles pobres diabos também não fossem escravizados na África pelos tiranos que eles chamam de reis.\*

— Eu não desistiria das Índias Ocidentais ainda — disse o professor Lovell. — Eles continuam permitindo um tipo legal de trabalho forçado...

— Mas sem a propriedade, a coisa toda perde a força.

— Talvez seja melhor assim. Afinal, os libertos trabalham melhor do que os escravos,\*\* e a escravidão é, na verdade, mais custosa do que um mercado baseado no trabalho livre...

— Você anda lendo Smith demais. Hobart e MacQueen é que estavam certos: basta contrabandear um navio cheio de chinas,\*\*\* isso resolve o problema. Eles são muito trabalhadores e organizados, o Richard sabe...

— Não, o Richard acha que eles são preguiçosos, não acha, Richard?

— Bem, o que *eu* queria — interrompeu o sr. Ratcliffe — era que as mulheres parassem de participar desses debates contra a escravidão. Elas se identificam muito com a situação dos escravos; ficam com a cabeça cheia de ideias.

— O que houve? — perguntou o professor Lovell. — A sra. Ratcliffe está insatisfeita com sua situação doméstica?

— Ela gosta de pensar que da abolição para o sufrágio feminino é um pulo. — O sr. Ratcliffe soltou uma risada desagradável. — Está para nascer o dia em que isso vai acontecer.

E, com esse comentário, a conversa se voltou para o despropósito dos direitos das mulheres.

Robin pensou que nunca entenderia aqueles homens, que falavam do mundo e de seus movimentos como um grande jogo de xadrez, onde países e povos eram peças que podiam ser movidas e manipuladas a seu bel-prazer.

Mas se o mundo era abstrato para eles, para Robin era ainda mais, pois ele não era impactado por nenhum daqueles assuntos. Assimilava aqueles tempos através das lentes míopes da Mansão Lovell. Reformas, levantes coloniais, revoltas de escravizados, sufrágio feminino e os debates mais recentes

---

\* Nesse ponto, o sr. Hallows se esquece de que o regime de escravidão no qual os escravizados eram tratados como propriedade, e não como pessoas, foi uma invenção inteiramente europeia.

\*\* Em alguns casos, o termo “escravo” é utilizado propositalmente, assim como “china”. (N. E.)

\*\*\* De fato, na esteira da libertação do Haiti, os britânicos passaram a considerar a ideia de importar trabalhadores de outras raças, como os chineses (“um povo sério, paciente, trabalhador”), como uma possível alternativa ao trabalho escravizado africano. O experimento *Fortitude*, de 1806, tentou estabelecer uma colônia de duzentos trabalhadores chineses em Trinidad a fim de criar uma “barreira entre nós e os negros”. A colônia fracassou, e em pouco tempo a maioria dos trabalhadores retornou à sua China natal. Ainda assim, a ideia de substituir a mão de obra africana pela mão de obra chinesa permaneceu atrativa para os britânicos e seria continuamente revivida ao longo do século XIX.

no Parlamento não significavam nada para ele. A única coisa que importava eram as línguas mortas que tinha diante de si e o fato de que um dia, um dia que se aproximava mais e mais com o passar dos anos, ia se matricular na universidade que conhecia apenas pelo quadro na parede — a cidade do conhecimento, a cidade dos pináculos dos sonhos.

Tudo terminou sem cerimônia, sem celebração. Um dia, o sr. Chester disse a Robin, enquanto guardava seus livros, que havia apreciado as aulas e que lhe desejava sorte na universidade. Foi assim que o garoto descobriu que iria para Oxford na semana seguinte.

— Ah, sim — disse o professor Lovell quando questionado. — Esqueci de lhe dizer? Escrevi para a faculdade. Estão esperando você.

Supostamente, ocorrera um processo de admissão, uma troca de cartas de apresentação e garantias de recursos financeiros que asseguraram sua vaga. Robin não foi envolvido em nada disso. O professor Lovell se limitou a informá-lo que ia se mudar para seu novo alojamento no dia 29 de setembro, então era melhor que estivesse com as malas prontas na noite do dia 28.

— Você vai chegar alguns dias antes do início do período letivo. Vamos juntos.

Na noite anterior à partida, a sra. Piper assou para Robin um prato de biscoitos pequenos, duros e redondos, tão saborosos e crocantes que pareciam derreter na boca.

— São *shortbreads*, biscoitos amanteigados — explicou ela. — São muito gostosos, mas não vão comer todos de uma vez. Eu não faço esses biscoitos com muita frequência, porque o Richard acha que açúcar não faz bem para meninos da sua idade, mas você mereceu.

— *Shortbread* — repetiu Robin. — *Short* porque não duram muito?

Eles vinham jogando esse jogo desde a noite da discussão sobre o *bannock*.

— Não, querido. — Ela riu. — É porque ele se desmancha com muita facilidade. A gordura da manteiga deixa a massa mais “farelenta”. É esse o sentido de *short*, sabe, e é daí que vem a palavra *shortening*, gordura.

Ele engoliu a massa doce e amanteigada, em seguida bebeu um gole de leite.

— Vou sentir falta das suas aulas de etimologia, sra. Piper.

Para sua surpresa, os cantos dos olhos dela ficaram vermelhos. Sua voz ficou mais grave.

— Escreva sempre que precisar de mantimentos — disse ela. — Não sei muito sobre o que acontece nessas faculdades, mas sei que a comida é péssima.

**Da autora da aclamada trilogia *A Guerra da Papoula* e vencedora dos prêmios Nebula e Locus, a obra é uma trama avassaladora e brilhante sobre a magia da linguagem e o uso das palavras como instrumento de poder**

Em 1828, um menino se torna órfão pelo rastro do cólera em Cantão, na China. Sob o nome de Robin Swift, ele é levado a Londres pelo misterioso professor Lovell e por anos se dedica ao estudo de diversos idiomas, como latim e grego antigo, preparando-se para um dia ingressar no prestigiado Real Instituto de Tradução da Universidade de Oxford, conhecido como Babel.

Com sua torre imponente que guarda segredos inimagináveis, Babel é o centro mundial do saber. No Instituto, Robin descobre que aprender a traduzir é também aprender a dominar a magia. Através de barras de prata encantadas, é possível manifestar as nuances e os significados perdidos na tradução — e essa arte trouxe aos britânicos uma dominância sem precedentes. Para Robin, Babel é uma utopia dedicada à busca do conhecimento. Mas o conhecimento obedece ao poder...

Chinês criado na Grã-Bretanha, o jovem começa a se questionar se servir a Babel significa trair sua pátria e se vê dividido entre a Instituição e uma obscura organização destinada a impedir a expansão colonialista. Quando a Grã-Bretanha vislumbra entrar em guerra com a China motivada por prata e ópio, Robin vai precisar escolher um lado. Afinal, será possível mudar as instituições por dentro ou a violência é inerente à revolução?

Em uma narrativa brilhante, visceral e sombria, R.F. Kuang — autora da aclamada trilogia *A Guerra da Papoula* e um dos maiores nomes da fantasia atualmente — revisita e reescreve a Revolução Industrial na Inglaterra e a história colonial da China na década de 1830. Vencedor dos prêmios Nebula e Locus, *Babel ou a necessidade de violência* é ao mesmo tempo uma carta de amor e uma declaração de guerra, abordando temas como revoluções estudantis, resistência colonial e o uso da linguagem e da tradução como ferramenta dominante do império britânico.

**SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/babel-ou-a-necessidade-de-violencia/>

